UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – MG

BRENDA LETÍCIA DE PAULA MUNIZ

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA E DA REPRODUÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG

ALFENAS/MG

2024

BRENDA LETÍCIA DE PAULA MUNIZ

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA E DA REPRODUÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas – MG, sob orientação do Prof. Dr. Evânio dos Santos Branquinho.

ALFENAS/MG

2024

BRENDA LETÍCIA DE PAULA MUNIZ

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM E DA REPRODUÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG

FOLHA DE APROVAÇÃO

À minha madrinha Sirlene. O plano terreno e espiritual é apenas um detalhe quando se trata da gente.

AGRADECIMENTOS

A realização dessa pesquisa e conclusão dessa etapa da minha vida envolve uma coletividade de pessoas que pertencem a minha memória mais afetiva e que, ao lembrá-los, me transportam para esse momento de muita gratidão. Primeiramente, agradeço a minha família que tanto lutou para que eu ocupasse e permanecesse numa Universidade pública. Ao meu tio Camargo que tanto me ensinou sobre a vida, humildade e afeto, você é um dos maiores exemplos de ser humano que eu tenho e pelo qual meu amor é imensurável, obrigada por confiar e acreditar em mim. Ao meu grande pai Roberto que me mostra diariamente o real significado de parceria e amor, você é parte fundamental da minha existência. Sua confiança em mim é um dos motivos pelo qual eu acordo todos os dias e por isso, sou eternamente feliz por ter você como pai que participou de todo o meu processo de formação acadêmica, incluindo aí as festas de república em Alfenas, obrigada por existir e ser meu pai. A minha mãe Sandra que sempre me encoraja, me apoia e se alegra por cada pequena conquista. Você é uma das mulheres mais fortes e corajosas que eu conheço e um ser humano do qual eu tenho orgulho em chamar de mãe, te amo, mamadi. A minha irmã Larissa agradeço por estar comigo diariamente nas conversas, conselhos e puxões de orelha. Você, por muitas vezes, me tirou a dor e me mostrou a delícia de ter uma companhia infalível. Minha vida ganha sentido todas as vezes que lembro da sua existência e a felicidade invade todas proporções do meu ser, fazendo com que eu me sinta completa em ser sua irmã e poder ser, recentemente, titia do Jorge. Obrigada, irmã.

As amizades que fiz durante esses anos, e que também se transformaram na minha família, agradeço aos que fielmente permaneceram. A Gabrielle e Maria Clara, minhas inspirações e companheiras de vida, obrigada pelo apoio incondicional durante essa jornada. Vocês me iluminam como ser humano me mostrando diariamente o real significado de amizade, amo tu e tu. A Teresa por sempre estar presente vibrando e comemorando minhas conquistas, seu incentivo e carinho são valiosos e por isso, minha vida é mais feliz com você por perto, te amo Terê. Agradeço a Fernanda por me proporcionar momentos de muita alegria e ser uma referência de ser humano. Você foi minha maior inspiração para iniciar e concluir o curso de Geografia, e agora que sou uma geógrafa, me sinto cada vez mais parecida e sintonizada com você. Te amo, Fezinho.

Agradeço a todas pessoas que durante essa jornada compartilharam momentos felizes na minha república Toca das Bruxas, especialmente a Carolina Pavan que por anos foi minha parceira nos piores e melhores momentos, obrigada por permanecer e me inspirar a ser cada dia

melhor. Agradeço também a Teka loves it, Júlia Maria, Arthur, Clélio, Aline, Bárbara, Luísa, Laura e Vitória por compartilharem experiências que agregaram na minha formação como sujeito coletivo, com vocês eu pude aprender e levarei nossas memórias para o resto da vida. Agradeço a república Caxambuteco por todos os momentos de felicidades que compartilhamos juntos, sentirei saudades.

Aos amigos que fiz durante a graduação João Diório, José Luiz, Luan, Henrique, Paula, Guilherme, Thiago, Tonhão, Cássio, Vinicius, BG, Maju e Neto, obrigada por serem as melhores pessoas que eu poderia ter do lado, vocês me transformaram e me fortalecem diariamente, o meu futuro tem vocês do lado.

Ao meu amigo e professor Geraldo que durante um ano e meio tive o privilégio de acompanha-lo no estágio e Residência Pedagógica, agradeço por ter contribuído tanto na minha formação como sujeito humano, crítico e, sobretudo, na minha formação profissional. Agradeço por todas conversas, conselhos, risadas, orientações, aprendizados em sala de aula e fora dela, e por ser minha referência de professor de Geografia na educação básica. Você me ajudou a acreditar no poder de transformação da educação por meio da Geografia, e por lembrar com tanto carinho do trabalho potente que realizamos coletivamente na escola, agradeço pela sua existência e pelo tempo dedicado quando fui estagiária.

Agradeço a todos professores pelos ensinamentos durante esses anos, com vocês pude aprender lições que levarei para a vida. Agradeço especialmente ao meu orientador Evânio que abraçou minhas ideias, me ajudou a construir essa e outras pesquisas, obrigada pelo incentivo, pelos ensinamentos, por ter confiado em mim e pelo tempo de dedicação.

Por fim, agradeço a todos os pixadores e graffiteiros de Alfenas que por meio de suas práticas transformaram minha visão da Geografia. Agradeço especialmente à RISA, SPR, MINERO, e KAMI a pesquisa só foi possível pela contribuição de vocês. Agradeço aos funcionários municipais que gentilmente foram solícitos com minha pesquisa e a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para que eu conseguisse concretizar meu trabalho.

"Cedo dei-me conta desse estranho mimetismo: os homens se assemelhando em tudo aos caranguejos. Arrastando-se, acachapando-se como os caranguejos para sobreviver. Parados como os caranguejos na beira da água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos [...] Tudo aí é, foi, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela"

Josué de Castro, Homens e Caranguejos, 2003, p. 4

RESUMO

O trabalho pretende explorar e caracterizar as inscrições urbanas da pixação e o graffiti na cidade de Alfenas, localizada no sul de Minas Gerais. Buscando evidenciar como ocorre os conflitos entre poder público e privado na cidade, a pesquisa se desenvolve tendo como norte a interpretação de que o pixo e o graffiti são elementos da representação subjetiva e simbólica dos sujeitos que intentam expor no espaço sua identidade, sendo na essência uma conduta política. A partir da consideração de que a pixação e o graffiti são elementos da cultura hip-hop que procuram no espaço meios para subverter a ordem vigente, ressalta-se ambas expressões como produtoras do espaço contra hegemônico, na medida em que mobilizam ações do poder estatal para coibir a prática e os sujeitos de ocuparem os espaços. Por meio da revisão bibliográfica, procurou-se resgatar como a pixação e o graffiti se transformaram nos anos desde sua origem no cenário internacional e nacional. Ao realizar essa interpretação histórica das grafias urbanas verificou-se que a pixação se espacializa com intencionalidades sociais, culturais e políticas, gerando conflitos entre poder público e na sociedade que são orientadas pela ideologia burguesa. Na busca para verificar quais as motivações de ordem social participam da pixação e do graffiti, realizou-se entrevistas semi estruturadas com praticantes do pixo em Alfenas e funcionários públicos municipais, na tentativa de oferecer um cenário amplo que evidencie as diferentes formas de se apreender a pixação e o graffiti na cidade.

Palavras-chave: Pixação; Graffiti; Cidade média;

ABSTRACT

This study aims to explore and characterize urban inscriptions of pixação and graffiti in the city of Alfenas, located in southern Minas Gerais, Brazil. Seeking to highlight the conflicts between public and private powers in the city, the research is guided by the interpretation that pixação and graffiti are elements of subjective and symbolic representation by individuals who aim to express their identity in urban spaces, fundamentally as a political act. Considering that pixação and graffiti are elements of hip-hop culture that seek to use space as a means to subvert the prevailing order, these expressions are emphasized as producers of counter-hegemonic spaces. This occurs as they mobilize state power actions to repress both the practices and the individuals occupying these spaces. Through a literature review, the study aimed to trace how pixação and graffiti have evolved since their origins in both international and national contexts. By conducting a historical interpretation of these urban scripts, it was observed that pixação spatializes itself with social, cultural, and political intentions, generating conflicts between public authorities and society, which are shaped by bourgeois ideology. To identify the social motivations underlying pixação and graffiti, semi-structured interviews were conducted with pixação practitioners in Alfenas and municipal public officials. The goal was to provide a comprehensive perspective that highlights different ways of understanding pixação and graffiti in the city.

Keywords: Pixação; Graffiti; Medium-sized city;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Localização do município de Alfenas 22
Figura 2: Núcleo original de Alfenas-MG 24
Figura 3: Direções da expansão urbana de Alfenas-MG, séc. XIX - 1950. 24
Figura 4: Evolução urbana de Alfenas na década de 1960. 26
Figura 5: Evolução de Alfenas na década de 1980. 29
Figura 6: Localização da RGInt de Varginha e RGI Alfenas. 33
Figura 7: Localização da Região Intermediária de Varginha e Região Geográfica Imediata de Alfenas. 34
Figura 8: Municípios e Localização da Região Geográfica Imediata de Alfenas 34
Figura 9: Pichação de mulheres durante a ditadura militar brasileira. 45
Figura 10: Denúncias da pichação no cenário nacional durante a ditadura militar brasileira. 45
Figura 11: Folha machadense denunciando as pichações em Machado-MG, 1982 46
Figura 12: Jornal "A voz da cidade" de Paraguaçu-MG denunciando as pichações na cidade, 1982. 47
Figura 13: Ônibus pichado "fora ditadura" em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1968. 48
Figura 14: Muro da UNIFAL-MG. "Greve geral" e "NEGRO". 49
Figura 15: Muro da UNIFAL-MG. "Ele não, ele nunca!". 49
Figura 16: Cão fila km 26. 51
Figura 17: Graffiti no muro do estabelecimento Jerônimo. 54
Figura 18: Grapixo da sigla "SPR" 55
Figura 19: Sticker colado numa placa. 56
Figura 20: Pixação na rodoviária central. 65
Figura 21: Graffiti em muro da escola. 66
Figura 22: Pixações da praça Fausto Monteiro. 69
Figura 23: Miscelânea de pixações e pichações numa casa abaondonada no centro. 69
Figura 24: Estrutura em homenagem ao Prof. Leão de Faria pixada. 70
Figura 25: Pintura artística comercial em lanchonete. 72
Figura 26: Graffiti em muro de escola. 72
Figura 27: Pixação em confronto por visibilidade com outdoor. 75
Figura 28: Pixação em placa de negócios imobiliários. 76
Figura 29: Outdoor e pixação em confronto da paisagem. 78

Figura 30: Graffiti "RISA", quadra de esportes do Santa Clara. 81
Figura 31: Pixações da praça Fausto Monteiro sendo apagadas. 83
Figura 32: Pixações na arquibancada da praça Fausto Monteiro. 83
Figura 33: Pixação “Não existe dinheiro limpo” no banco Sicredi 84
Figura 34: Espacialidade da pixação e do graffiti na malha urbana de Alfenas 85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População e extensão territorial da RGI de Alfenas 35

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RGI – Região Geográfica Imediata

RGInt – Região Geográfica Intermediária

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

UNIFENAS – Universidade Edson Antônio Vellano

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14
2. METODOLOGIA 15
3. REFERENCIAL TEÓRICO 17
4. CONJUNTURA ESPACIAL-TEMPORAL DE ALFENAS-MG 21
4.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA 22
4.2 PROCESSOS HISTÓRICOS DA EVOLUÇÃO URBANA DE ALFENAS 23
4.3 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE ALFENAS 32
4.4 CARACTERÍSTICAS DE ALFENAS NA CONDIÇÃO DE CIDADE MÉDIA 36
5. BREVE HISTÓRICO DAS INSCRIÇÕES URBANAS: DA PICHAÇÃO A PIXAÇÃO 43
5.1 CONTEXTO DO INÍCIO DAS INSCRIÇÕES URBANAS 43
5.2 TRANSFORMAÇÕES DAS INSCRIÇÕES URBANAS 49
5.3 AS INSCRIÇÕES NOS ENTRAVES COM O PODER PÚBLICO 57
6. A PIXAÇÃO E O GRAFFITI NA REIVINDICAÇÃO DA CIDADE 66
6.1 SINGULARIDADES DAS ESCRITAS URBANAS EM ALFENAS 78
7. CONCLUSÃO 86
8. REFERÊNCIAS 87

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura oferecer um quadro teórico conceitual acerca da presença da pixação e do graffiti como elementos que participam da paisagem urbana de Alfenas e como a espacialidade dessa expressão procura evidenciar a presença de uma coletividade que, em volta da cultura de rua, se projeta no espaço como modelador do espaço urbano na medida em que expõem sua identidade por uma prática subversiva e transgressora.

Ao resgatar a historicidade das pichações durante a ditadura militar e como ocorreu suas transformações nos meios e intencionalidades de pixar a cidade o trabalho procura sustentar como essas escritas urbanas participaram de momentos de instabilidade política e social para se projetarem nos espaços, sobretudo pela classe trabalhadora, movimentos sociais, estudantes, e demais agentes que se apropriaram da escrita para espacializar a revolta nos centros urbanos.

É possível observar que durante a ditadura militar brasileira as escritas urbanas possuíam um sentido explicito nos meios de reivindicação como frases de ordem contra o regime vigente e com o passar os anos, por influências da comunidade externa e processos sociais que motivaram a exposição de identidades coletivas ou pessoais na cidade, o pixo e o graffiti ainda se constituem como meios de reivindicação social e política, entretanto, suas intencionalidades são constantemente colocadas à prova da moralidade burguesa. Sendo assim, a pixação e o graffiti como elementos da subjetividade do sujeito passaram por uma transformação que nos dias atuais, aparecem nos centros urbanos a partir da síntese de uma identidade.

Buscando estabelecer um paralelo entre a necessidade dos sujeitos em grafarem a cidade por meio de suas identidades e os motivos que se apresentam na realidade concreta a partir da transformação do solo urbano em mercadoria, verifica-se que a prática é orientada pela necessidade de transgredir os modos de se viver na cidade, bem como denunciar a desigualdade social que segrega pessoas do centro, condicionando-as a experienciar uma cidade majoritariamente programada e à mercê da reprodução do capital.

Por meio da realização de entrevistas semi estruturadas com diversos agentes sociais que participam dos conflitos e das dinâmicas que a pixação e o graffiti mobilizam na cidade, o trabalho procura oferecer diferentes perspectivas que a sociedade têm da pixação, bem como expor as contradições que participam do processo de coação dos sujeitos e criminalização da prática.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter investigativo e exploratório acerca da presença da pixação e do graffiti na cidade de Alfenas. Como meios para realização da pesquisa, adotou-se inicialmente a revisão bibliográfica nos periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Bibliotecas físicas e digitais onde foi possível realizar o levantamento dos trabalhos que tratam do tema em questão, bem como dos aportes teóricos dos autores da Geografia que possibilitaram a articulação dos conceitos com a proposta da pesquisa.

Um dos meios para a realização da pesquisa se deu pelo trabalho de campo realizado na cidade e nos bairros onde foi possível a identificação de uma pluralidade de escritas de sujeito que sintetizam a identidade pessoal e/ou coletiva. De acordo com Alentejano e Rocha Leão (2006) o trabalho de campo é uma técnica de pesquisa que permite ao pesquisador a interação entre teoria e prática. Por meio do trabalho de campo foi possível verificar que além de diferentes assinaturas, há uma predominância maior de pixos no centro do que em comparação as áreas periféricas, além disso, esse fenômeno foi confirmado por um dos entrevistados.

Como meio de estabelecer um contato com os pixadores e grafiteiros em Alfenas para buscar entender os motivos que participam de suas práticas, foi realizado entrevistas semi-estruturadas com 5 praticantes do pixo e graffiti. Cabe ressaltar que pela pesquisa possuir informações pessoais desses sujeitos, foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAL-MG um projeto que contém todas informações necessárias da pesquisa, bem como dos riscos e benefícios da participação na pesquisa. Após a apreciação e aprovação do projeto no Comitê, foram aplicadas as entrevistas que foram qualitativamente selecionadas para compor a pesquisa.

No propósito de estabelecer um paralelo entre as experiências dos sujeitos e a realidade que se apresenta em Alfenas, foi adotado o método materialista histórico-dialético para embasar a discussão. Nesse sentido, por meio da compreensão da expansão urbana da cidade que possui suas origens e ainda permanece numa ocupação desigual dos espaços produzindo uma segregação socioespacial entre os sujeitos, depreende-se que as pixações e os graffitis se constituem como linguagem que participa da reivindicação social dos sujeitos por espaços historicamente produzidos e comandados pela elite, sobretudo os grandes latifundiários, os promotores imobiliários e o Estado. Nesse ínterim, procura-se ressaltar como as contradições presentes no espaço são perpassadas pela prática do pixo ser considerada crime constitucional em contraste à organização do espaço ser reflexo da reprodução do espaço orientada pelo sistema capitalista, transformando a cidade e as relações sociais em mercadoria em supressão às potencialidades do valor de uso (CARLOS, 2018).

Como parte dos processos metodológicos para o alcance dos objetivos, produziu-se um mapa online na plataforma Google My Maps para auxiliar a compreensão de como os pixos

estão espacializados e qual predominância das expressões nos diferentes recortes da cidade. Por meio da plataforma foi possível inserir os registros realizados nos trabalhos de campo. Como ultimo procedimento, produziu-se uma síntese que contemple as principais características da presença da pixação e do graffiti como elementos que compõem a paisagem urbana.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao iniciar o tratamento teórico acerca da presença da pixação e do graffiti participando da paisagem urbana e como reflexo das condições sociais presentes no espaço, busca-se articular como os autores da geografia podem auxiliar a análise por meio das transformações ocorridas no espaço, bem como das contradições presentes nas relações socioespaciais. Ao realizar um resgate dos autores da geografia e a articulação dos conceitos propostos, procura-se contextualizar como a segregação espacial é reflexo da prática da pixação, que possuem motivações de ordem social, política e econômica para sua realização.

De acordo com Corrêa (1989), o espaço pode ser entendido como a partir da articulação conjunta dos setores fragmentados do espaço sendo as áreas residenciais, de comércio, produção e lazer. Por meio das interações espaciais as partes se articulam entre si, sendo, portanto, reflexo e condição da sociedade no espaço. De modo a integrar a presença da sociedade no espaço Corrêa (2018) aponta que a dimensão simbólica participa dessa relação, articulando as formas e os significados.

As expressões urbanas pixação e graffiti possuem sua dimensão espacial materializada a partir da subversão dos espaços da cidade. Entretanto, dois caminhos interpretativos se seguem: a origem da pixação e do graffiti como meios de reivindicação social, política e cultural e outro que insere ambas formas de expressão como produtos da marginalidade, sendo essa consideração fruto da ideologia burguesa. Corrêa (2018, p. 224) ressalta que “as formas simbólicas, materiais ou não, constituem, por outro lado, signos construídos a partir da relação entre as formas, os significantes, e os conceitos, os significados”. Por esse motivo, são colocados frente a uma diversidade de interpretações, nas quais os significados não são estáticos, nem mesmo possuem um único caminho interpretativo.

Ao articular a presença da pixação e graffiti como elementos da paisagem urbana, depara-se com as amplas possibilidades de interpretações que a sociedade pode realizar de ambas expressões, indo de encontro ao aporte oferecido por Meinig (2003) que dialoga com as possibilidades interpretativas sobre determinada paisagem. Ao assumir as possibilidades, não se pode excluir a visão que cada sujeito assume ao deparar-se com determinada expressão na cidade, participando do processo investigativo as diferentes narrativas que participam da pluralidade e da diversidade de compreensões que a pixação e o graffiti pode provocar na sociedade.

Assumindo, as amplas significações que a pixação e o graffiti podem assumir no espaço, retoma-se as contribuições de Corrêa (1989) que aponta os agentes sociais que participam da produção do espaço e que conflitam com a presença das escritas urbanas e os sujeitos pixadores e graffiteiros na cidade. Por esse viés, o autor ressalta a presença do Estado, proprietários dos

meios de produção, os agentes imobiliários, os proprietários fundiários e os grupos sociais excluídos participando da realidade concreta na medida em que esses agentes modeladores do espaço intervém sistematicamente no processo de produção e reprodução do espaço (CORRÊA, 1989).

Ao estabelecer esse paralelo, as investigações que orientam a execução do trabalho se dão por meio da necessidade de discutir primeiramente como o espaço tornou-se mercadoria no processo de acumulação capital, bem como a segregação socioespacial é determinante nesse processo. Carlos (2018) apoiada nas reflexões de Lefebvre sobre a produção do espaço aponta que no processo de produção mercadológica, a reprodução social é condicionada pela produção do mundo real e concreto. Isso implica na consideração de que "ao mesmo tempo em que o homem produz o mundo objetivo [...] produz igualmente uma consciência sobre si – assim ele se produz no processo, como humano, consciência, desejos; um mundo de determinações e possibilidades capaz de metamorfosear a realidade" (CARLOS, 2018, p.56).

No cerne da teoria, a produção material ganha novas dimensões quando se analisa as relações sociais:

> Apontando para o fato de que a situação das forças produtivas, naquele momento, não se restringiria à produção de coisas [...] mas à produção como reprodução das relações sociais, bem como à compreensão da reprodução do espaço social como necessidade do modo de produção capitalista em sua fase de realização (CARLOS, 2018, p.57).

Por essa lógica, a reprodução social orientada no viés capitalista se realiza na produção do espaço, sendo condição no processo de acumulação e reprodução do capital (CARLOS, 2018). Partindo das relações sociais presentes na cidade e os modos pelos quais os sujeitos experienciam o espaço, Carlos (2014) chama atenção para o fato de que o cotidiano é esvaziado e alienante na medida em que os sujeitos se relacionam com a cidade orientados pelo valor de troca. A supressão o valor de uso nessa relação, é evidenciada a partir das relações sociais serem mediadas pelo consumo obsessivo de mercadorias, ao passo que a utilização do espaço como possibilidade de expressão do sujeito é suprimida pela lógica do capital.

Nesse ínterim, o sujeito se relacionando com a cidade somente na condição de classe trabalhadora na função de sobrevivência, é condicionado a experienciar a cidade ao exercício da reprodução do capital, distanciando-se das suas potencialidades como sujeito plural.

Para realizar a compreensão do objeto que se define na pesquisa torna-se necessário a discussão da presença de Alfenas na condição de porte médio, de acordo com as contribuições de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007). Após uma série de definições que passaram por diversas transformações, os autores classificam as cidades médias propriamente ditas aquelas

em que se inserem nos níveis intermediários no tamanho demográfico, hierarquia e funções urbanas, assim como “sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantem relações importantes com centros maiores” (AMORIM FILHO et. al., 2007, p.9).

Em relação aos conceitos construídos por Corrêa (2017, p.29), o autor destaca que “a noção ou conceito de cidade média é de natureza relacional, envolvendo relações com centros menores e maiores que ela. Nesse sentido, a cidade média só pode ser entendida como parte integrante de uma rede urbana”. Partindo dessa visão integradora acerca das atratividades que Alfenas-MG exerce nas demais cidades por aglomerar serviços especializados de saúde, educação e ligação com rodovias importantes que dão acesso a centros maiores, a cidade com suas configurações atuais permite classificá-la como média.

A fim de oferecer um quadro teórico, Corrêa (2007) aborda alguns elementos que ajudam a compreender a cidade média a partir de três indicadores, sendo a elite empreendedora, localização relativa e as interações espaciais. Dessa forma, considerando a realidade pela qual a cidade está inserida, Alfenas-MG concentra certos aspectos da sua realidade no contexto local e regional que avançam na conceituação desse tipo de cidade na compreensão dos fenômenos que se apresentam na pesquisa.

A partir da realidade que se apresenta em Alfenas-MG, considerando os aspectos materiais e imateriais que interagem entre si, a cidade vem apresentando características de uma cidade segregada como aponta Branquinho (2021, p.12) uma transformação da morfologia de um centro urbano único “para uma expansão da mancha urbana difusa e segmentada, com a formação de novas centralidades, indicando um padrão mais complexo e segregado”. Essa transformação decorre da construção de novos loteamentos motivados pelo poder estatal e, sobretudo, pela especulação dos agentes imobiliários.

Em vista da realidade desigual que se apresenta na cidade, o trabalho procura dialogar como as inscrições da pixação e do graffiti são ferramentas pelas quais os sujeitos se apropriam para denunciar as desigualdades socioespaciais de onde estão inseridos. A história da pixação no Brasil teve início na ditadura militar quando a sociedade passou por um regime de controle e repressão das práticas sociais. Nessa época a pixação passa a ser vista como uma ferramenta social que enxergou nas estruturas urbanas meios para responder à violência policial, dessa época as frases “abaixo a ditadura” e “governo é traidor” são vistas nos muros da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com Nascimento (2019, p. 436) “as pichações surgiram como um canal de mobilização e arregimentação política, sendo uma das formas de atuação da esquerda jovem do país na luta pela democracia e direito ao voto”.

A partir da compreensão que difere ambos tipos de inscrição, a presença da pixação na cidade se conduz pela utilização do espaço pelas práticas simbólicas, orientadas pelas relações de ordem socioespacial que evidenciam maneiras diferentes de se relacionar com o espaço a partir do recorte de classes. Nesse sentido, o trabalho destaca a pixação e o graffiti enquanto modos dos sujeitos se revelarem na cidade para além de sua prática como trabalhador ou consumidor (domínio do valor de troca), mas também do habitat e do habitar (este último âmbito do valor de uso), e se apoiando nessas grafias, demonstram a existência de uma sociedade que resiste aos modos pelos quais o sistema capitalista orienta as práticas sociais.

As esferas que compõem a visão que vai além do pixo como vandalismo, se apresentam nesse trabalho como passíveis de serem entendidas a partir da Geografia, visto que seu objeto de estudo é o espaço geográfico, onde Santos (1996, p.39) define como "conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações que formam o espaço". A partir de tal sistematização, a prática da pixação como ferramenta de intervenção no espaço permite analisá-lo sob as perspectivas que orientam a dinamicidade do espaço, em que, a partir de uma interação dialética, os agentes intervém uns sobre os outros e estes, no espaço onde estão inseridos.

4. CONJUNTURA ESPACIAL-TEMPORAL DE ALFENAS-MG

4.1 Localização da área

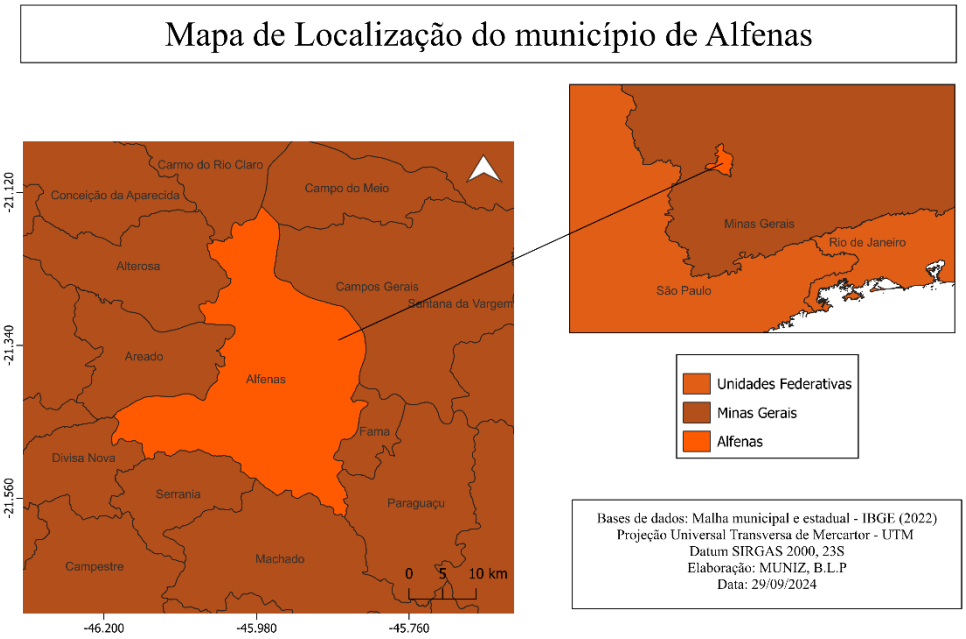
Alfenas está localizado na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, mais especificamente na região intermediária de Varginha e na microrregião de Alfenas. A cidade possui extensão territorial de 850,446 km² que abriga uma população de 78.970 habitantes (IBGE, 2022). A estruturação da rede urbana do sul de Minas apresenta cidades de porte médio das quais destaca-se Alfenas, Itajubá, Lavras, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha (FIGUEIREDO *et.al.,* 2022). No limite das cidades vizinhas, Alfenas faz fronteira com as cidades de Alterosa, Areado, Campo do Meio, Campos Gerais, Carmo do Rio Claro, Divisa Nova, Fama, Machado, Paraguaçu e Serrania.

A cidade de Alfenas possui características singulares quanto a sua organização que condiciona sua posição de influência sobre a região onde está localizada. A grande presença de pequenas e médias cidades no recorte sul mineiro apresenta características de um ordenamento que chama atenção da geografia, por condensar as interações de ordem econômica, social e política que refletem nos índices de influência sob as cidades ao redor.

As variáveis que se apresentam no campo material e imaterial a partir da análise da presença da cidade no sul de Minas, são adotadas como parte da necessidade de entender a presença da pixação e do graffiti na paisagem urbana, e por chamar atenção dessas singularidades, entende-se que os grafismos atravessados por essas características de evolução também são oriundos do processo de expansão da malha urbana em seu contexto local e regional.

Na construção de um quadro histórico que procura localizar a cidade em sua evolução da mancha urbana, os processos que contribuíram para a transformação da predominância da população urbana sobre a rural, e dos aspectos atuais de ordem econômica e social que se interagem constituindo a Região Geografia Imediata de Alfenas, essa sessão se organiza na intenção de sistematizar como ocorreram tais eventos que colaboraram para a posição de destaque da cidade em sua malha regional. A partir da discussão dos elementos que contribuem para Alfenas exercer uma centralidade nos setores de educação, saúde, transporte e cultura com influência e abrangência regional, torna-se significativo dimensionar como esses fatores interagem para realizar o entendimento da conjuntura que se apresenta. A figura 1 abaixo localiza a cidade de Alfenas:

Figura 1: Mapa de Localização do município de Alfenas



Fonte: Elaboração própria, 2024.

4.2 Processos históricos da evolução urbana de Alfenas

Historicamente o processo de desenvolvimento econômico de Alfenas é reflexo da sua participação nas atividades que envolvem seu potencial agrícola pela ocupação de grandes fazendas por latifundiários na metade do século XIX (MARTINS, 2016). Durante esse século, a economia agropastoril evidenciada pela diversidade de produções e domínio concentrado da posse de terra, reflete uma dinâmica “dominada pelo agrarismo, pelo tradicionalismo dos costumes e práticas sociais, pela rusticidade do modo de vida” (MARTINS, 2016, p. 358).

No século XIX com uma diversidade de culturas dinamizando a produção e o modo de vida das pessoas, Martins (2016) aponta a presença de plantações nas casas da mancha urbana de Alfenas, perdurando até o início do século XX essa característica. No final do século XIX, com a presença da ferrovia possibilitando o escoamento das produções, verifica-se uma transformação na dinâmica da cidade (MARTINS, 2016). Assim como a participação do modal ferroviário era importante para realizar o intercâmbio das produções alimentícias, a navegação pelo rio Sapucaí se mostrou como alternativa para o escoamento dos produtos. As embarcações possuíam capacidade para o transporte de trinta mil toneladas que transportavam sal, queijo, manteiga e demais mantimentos que seriam necessários para o abastecimento dos comerciantes da região (ALFENAS, 2006).

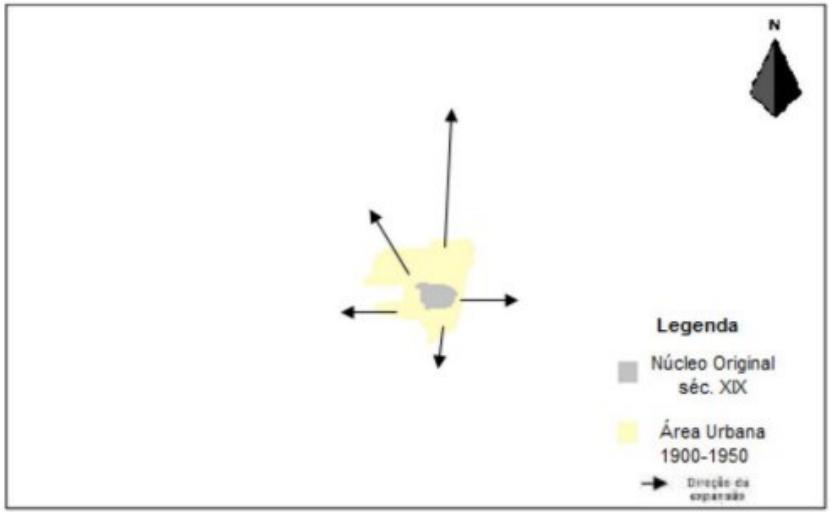
Ainda no início do séc XIX, o núcleo original da cidade foi ocupado por habitantes atraídos pelas águas do rio Sapucaí, Machado e Verde, sendo a área ocupada inicialmente, repleta por nascentes e cursos d'água que potencializava o local para a produção de culturas (ALFENAS, 2006). O interesse para instalação nessa porção da cidade pelos primeiros habitantes, se deu pela facilidade na construção das casas onde os terrenos se situavam em áreas com menor declividade (PAULA, 2021).

Figura 2: Núcleo original de Alfenas-MG

.

Fonte: Alfenas, 2006.

Figura 3: Direções da expansão urbana de Alfenas-MG, séc. XIX - 1950



Fonte: PAULA, 2021.

A passagem para o século XX evidencia momentos de progresso para o município, ocorrendo com mais intensidade na cidade do que no campo, entretanto, ainda se verifica uma diversidade de produção agrícola (MARTINS, 2016). O processo de modernização da cidade que evidencia a passagem de um modelo ligado ao agrário para um centro urbano, pode ser verificado a partir da instalação de iluminação pública, alargamento das avenidas, construção de usina hidrelétrica em Serrania para fornecimento de energia e ampliação de empresas telefônicas (MARTINS, 2016). Em relação a esse período, "Alfenas recebeu ações de embelezamento nos anos 1910-1920: arborização, ajardinamento de praças, instalação de bancos e coretos, construção de calçadas nas ruas centrais" (MARTINS, 2016, p. 368)

Durante esse início de século, pode-se notar também o avanço no investimento no setor educacional a partir da criação da escola Coronel José Bento em 1910, a EFOA (Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas) em 1914, o Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1921 e a Faculdade de Direito em 1934 (MARTINS, 2016), dinamizando a predominância de estudantes e colocando Alfenas numa posição de destaque.

As características de urbanização que se apresentam, aos poucos vão construindo uma cidade que se desvincula dos modos de vida agrário, pela população pacata e restrita às experiências no modelo rural, caminhando para uma população urbana que se relaciona com novas dinâmicas de ordenamento do espaço a partir da presença de novos equipamentos urbanos. Sendo assim, a cidade passa a comportar novas divisões do solo e a concentrar pessoas em variadas regiões da cidade, possibilitando a ocupação e dinamização de uma cidade com características mais urbanas, distanciando do agrarismo.

A década de 1950 foi marcada pela consolidação da cidade a partir da expansão das áreas de ocupação com a construção do loteamento Jardim São Carlos, de acordo com Alfenas (2006) o espaço ocupado na cidade que antes era de 2,6km² passou para 4,8km². As características que marcam o processo de evolução urbana da cidade, participa da lógica que se evidencia a partir da construção de loteamentos. A década seguinte influenciada pelo grande número de lotes vagos do Jardim São Carlos, possibilitou a organização do primeiro conjunto habitacional da cidade também no sentido norte, o Vista Grande (ALFENAS, 2006).

A década de 1960 na região ficou marcada pelo de inundação de áreas pastoris que formaram a represa de Furnas que trouxe diversas alterações no setor de transporte, moradia e geração de energia. Esse grande projeto fazia parte da política desenvolvimentista criada pelo presidente Juscelino Kubitschek, o Plano de Metas visava alcançar o aprimoramento de trinta setores da sociedade, sendo os setores de energia, transporte, alimentação, indústria

de base, educação e a construção de Brasília, as prioridades para realização do referido Plano (JOAQUIM, 2008).

De acordo com Costa (2023), as áreas inundadas pela água da represa trouxeram efeitos negativos para a população que precisou deixar seus imóveis para que o projeto fosse concluído, essa fase, entretanto, expõe uma contradição entre a necessidade do plano nacional em realizar os investimentos no setor energético e o empobrecimento imediato da população atingida pelo fim das atividades agrícolas e o baixo valor pago das indenizações.

Ainda durante a década de 60, a cidade passou a abrigar a indústria têxtil Saliba, onde a sede administrativa se localizava em São Paulo. De acordo com Branquinho *et. al.* (2023):

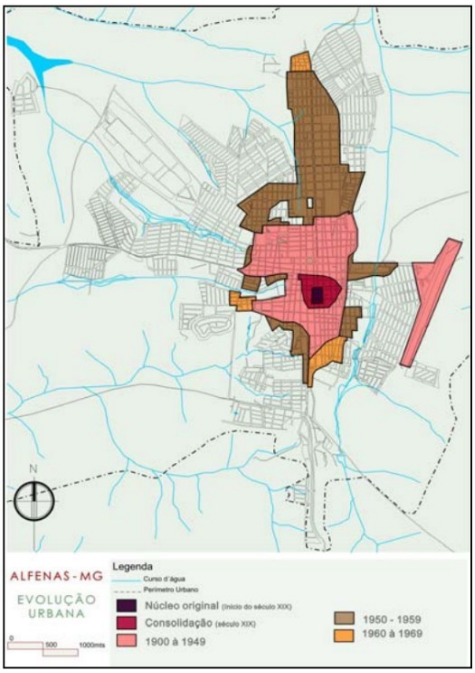
> "A instalação da Saliba aponta um período de crescimento da indústria em Alfenas, com o incremento do consumo produtivo, em atividades não diretamente ligadas ao campo, assim como de uma maior estratificação social. A tecelagem demonstra a transição de uma economia agrícola para uma economia cada vez mais urbana-industrial e sua maior articulação à rede urbana, passando a atrair população do campo, na medida em que este mecaniza, concentra a propriedade e constitui relações de trabalho assalariado" (BRANQUINHO *et. al.,* 2023, p.141).

Com o início das atividades em 1961, Viana (2024) destaca que a instalação da tecelagem a partir do referido ano moveu toda linha de produção para a unidade em Alfenas, "onde ficavam abrigadas a estamparia, tinturaria, acabamento, retorção de fios e preparação geral de fios especiais" (VIANA, 2024, p.42). Pela complexidade da preparação que envolvia desde a manipulação da seda até o tecido final, a empresa contava no início dos anos 70 com

Figura 4: Evolução urbana de Alfenas na década de 1960.

cerca de 1.200 trabalhadores que se dividiam entre os setores de produção. (VIANA, 2024). Esse período para o qual Branquinho (2023) destaca como um indício da desconcentração urbana industrial das metrópoles para cidade de menor porte, evidencia como a instalação desses tipos de empreendimentos reconfigura e reorganiza os espaços onde as empresas recebem incentivos fiscais e demais propostas de irão favorecer o processo da desconcentração industrial.

Fonte: Alfenas, 2006.



Amaral e Branquinho (2021) apontam que na década de 1960 houve uma mudança na predominância da população urbana sobre a rural e sobre esse período, pode-se dizer que além dos fatores de ordem econômica nacional, sobre a geração de empregos e melhores condições de vida na cidade, destaca-se que em Alfenas essa mudança também ocorreu devido a área de inundação da represa ter invadido as propriedades dos moradores que estavam envolvidos no ramo agrícola e pastoril, fazendo com que houvesse a migração dos povos situados em áreas rurais para a cidade.

Já na década de 1970, a partir da incorporação de novas funções produtivas na oferta de serviços, a ampliação da mancha urbana por meio da construção de novos loteamentos, assim como a influência do processo de industrialização a qual o país estava em processo de consolidação, verifica-se um processo de reestruturação e expansão do espaço urbano pela conjuntura que se apresenta.

A partir desse período, a cidade começa a condensar a população proveniente das áreas inundadas que precisaram se inserir nos ramos de trabalho propriamente urbano. Paula (2021) aponta que até a década de 1970 a cidade estava organizada numa grande área onde já existia o centro e os bairros Vila Formosa, Vila Godoy, Bosque dos Ypês, Vila Borges, a Vila Betânia e o Parque das Nações. Com a migração das pessoas oriundas do campo para a cidade, a organização do espaço intraurbano comportou um novo movimento que pela “intensificação

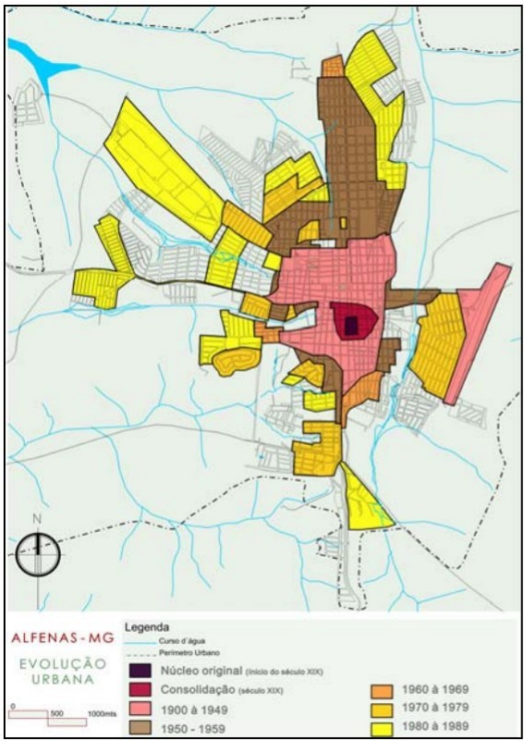
dos processos econômicos no período impactou a cidade, fazendo com que se expandisse, alcançando ainda mais seu ordenamento de direcionamento principalmente a Oeste, Noroeste e Norte" (PAULA, 2021, *apud* CARVALHO; CÉSAR, 2010).

A ocupação dos novos loteamentos que se situam na porção Oeste da cidade ocorreu a partir da construção do Conjunto Habitacional Governador Francelino Pereira dos Santos, e nesse contexto, o bairro do Pinheirinho formou-se a partir da transição do espaço rural (AMARAL, BRANQUINHO 2023) na década de 1970. Amaral e Branquinho (2023, p.43) apontam que "a produção do espaço urbano na cidade de Alfenas/MG está relacionada profundamente com a formação do bairro do Pinheirinho, ou seja, da criação de vazios urbanos e da expansão periférica". A criação do bairro fora do perímetro urbano expõe questões de ordem socioeconômica que oferecem subsídio para entender como a produção do espaço na cidade decorre de um passado produzido a partir da segregação dos lugares e da ocupação de determinados sujeitos em diferentes bairros de acordo com seu poder aquisitivo.

Assim como a criação do bairro Pinheirinho ajuda a compreender como a organização e a ocupação da região Oeste se deu, é válido contextualizar o caso do Santa Clara. Paula (2021, p. 70) aponta que durante a formação do Pinheirinho, "algumas pessoas instalaram-se numa faixa a 300 metros adiante desse bairro, ocupando terrenos de forma irregular, como resposta à falta de condições de habitação, de sobrevivência". O conjunto desses novos bairros situados á Oeste expõe "o retrato da política habitacional excludente realizada no município" (ALFENAS, 2006, p. 42) que afastou da área central a população com menor poder aquisitivo, organizando no centro uma região própria para a especulação imobiliária que se torna cada vez mais evidente na cidade.

A transformação da Fundação em UNIFENAS (Universidade Prof. Edson Antônio Vellano) em 1989 alterou significativamente a quantidade de pessoas na cidade. No início da década de 1980 a população urbana era próxima de trinta e dois mil habitantes e na passagem para os anos 1990 ultrapassou os quarenta e sete mil habitantes (ALFENAS, 2006). Esse processo intensifica-se também a partir da construção do Distrito Industrial em 1989 que condensou grande parte das indústrias, atraindo mais habitantes para a cidade. Todas essas evidências que se apresentam, vão desconstruindo a cidade que antes se apresentava de porte pequeno com interações mais restritas, e passam a dinamizar eventos de uma cidade média. A imagem 5 abaixo procura espacializar como a organização da cidade se apresentava na década de 1980:

Figura 5: Evolução de Alfenas na década de 1980.



Fonte: Alfenas, 2006.

A população que residia nas áreas onde a UNIFENAS instalou seu campus, deparou-se com a chegada de novos universitários e o aumento da especulação imobiliária que aumentou o preço dos alugueis e precisaram se afastar dessa nova centralidade que a faculdade criou na porção sul da cidade. Paula (2021) *apud* Carvalho e César (2010) destaca que o crescimento periférico em Alfenas se deu por essa relação, mas a transformação efetiva das dinâmicas socioespaciais e econômicas na escala local, aconteceu a partir da transformação da EFOA em UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas) em 2005 (FIGUEIREDO *et. al.*, 2022). Como resultado dessa mudança, o PIB mostrou um aumento a partir da especialização do setor de serviços que passou a atender os universitários com maior poder aquisitivo.

A consolidação dos bairros à Oeste se concretizou na década de 2000 pela ocupação densa nos bairros Jardim Boa Esperança, Jardim Alvorada, Recreio Vale do Sol e Santa Clara, assim como o avanço para o Norte com os bairros Vista Grande, Jardim Eunice, Vila Promessa e à sul com os bairros Jardim Panorama, Jardim Santa Maria e Jardim Santa Inês (PAULA, 2021). Os loteamentos presentes na zona Leste de Alfenas foram historicamente ocupados pela elite da cidade, onde sua expansão e ocupação ocorre de modo menos acelerado e organizado dentro de condomínios.

A partir de 2005 tomando como referência a transformação da antiga EFOA em UNIFAL-MG, Figueiredo *et. al.,* (2022) destaca que esse período foi crucial para que a cidade passasse a comportar novos universitários no ensino superior. Em decorrência dos projetos federais para ampliação dos cursos de graduação e pós no país, Alfenas foi contemplada em assumir o campus sede da Universidade e, a partir dessa instalação, os indicadores econômicos e sociais se alteraram pelas novas dinâmicas na cidade. Em decorrência das alterações provocadas na esfera local, Figueiredo *et. al.,* (2022) apontam que a inserção de uma Universidade pública numa cidade de porte médio contribui para a especialização no setor econômico e, sobretudo, nos aspectos de urbanização por evidenciar processos de valorização nas diferentes regiões da cidade.

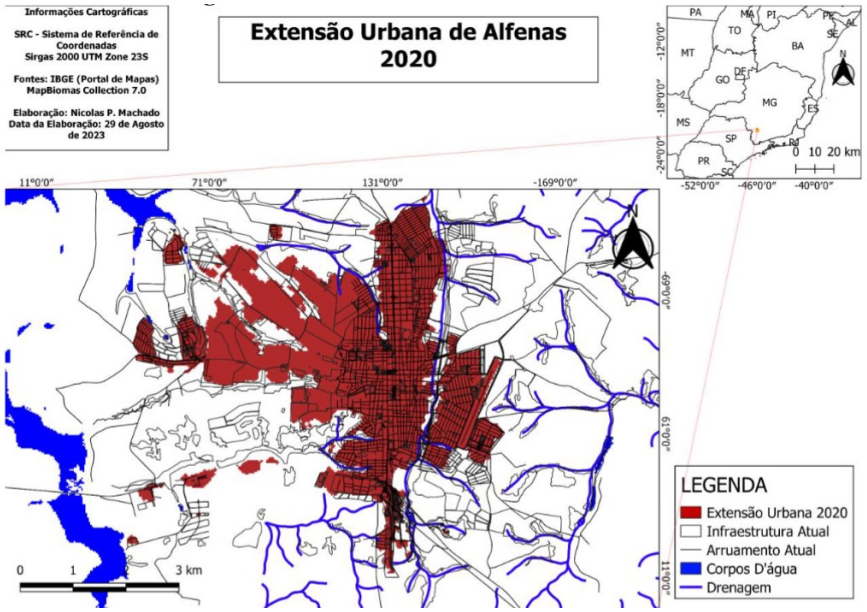
Atualmente a Universidade possui dois polos em Alfenas, sendo o campus Sede na região central e a Unidade Educacional Santa Clara, localizada a Oeste. A instalação da UNIFAL nessas duas áreas da cidade aponta a transformação do setor de serviços que se especializou para atender com maior diversidade os universitários e o setor de habitação, que, no centro, evidencia-se um processo de verticalização, enquanto no Santa Clara, o aumento do número de residenciais fechados, ambos motivados pelos agentes imobiliários.

A partir dos indicadores que se apresentam, Alfenas se articula à sua rede regional no porte de cidade média (AMORIN FILHO, RIGOTTI & CAMPOS, 2007) este tópico, portanto, será discutido a frente. Considerando os processos históricos que permitem analisar a cidade atualmente, enquanto resultado de um processo de urbanização atravessado pela dinâmica econômica nacional e os potenciais locais, a cidade atualmente está organizada numa morfologia segregada (BRANQUINHO, 2021) onde o estabelecimento de determinados grupos está diretamente ligado ao poder aquisitivo. Como resultado desse processo, a população pobre não havendo meios de pagar pelo valor do imóvel na região central é empurrada para os bairros, sobretudo na região Oeste. De outro modo, a região Leste concentra a população mais rica da cidade, que se condensam principalmente em condomínios fechados onde o valor de moradia é superior (AZEVEDO, 2021).

De acordo com essa discussão, atualmente a cidade remonta seu processo histórico de segregação, podendo ver visualizada a partir da figura 6 abaixo que procura demonstrar como a cidade estava organizada no ano de 2020:

Figura 6: Extensão urbana de Alfenas em 2020.

Fonte: Branquinho *et. al.,* 2023.



A figura acima expõe como a concentração nas diferentes áreas da cidade ocorre com mais intensidade na região Oeste se comparado ao Leste, onde está localizado do Jardim Aeroporto. Essa diferenciação que evidencia um adensamento numa área da cidade também decorre da instalação do campus Santa Clara da UNIFAL, promovendo uma dinâmica intensa de ocupação a partir do aumento do número de residenciais em vista da ampliação dos cursos superiores.

De modo a compreender como as interações que se realizam no espaço de Alfenas contribuem para sua centralidade na região, a relação entre campo-cidade também se perfaz no entendimento dessas dinâmicas. Como referido anteriormente, historicamente a produção de café na região permitiu que esse produto participasse com mais intensidade da produção agrícola que, atualmente, ganhe destaque no PIB municipal a partir das transformações no setor tecnológico e propicia a produção elevada dessa commodity. Moreira (2023) destaca que a partir da década de 1970 as estruturas de organização que compreendem a lógica de produção do sistema capitalista, passou a incorporar a produção de café na região, visto que o desenvolvimento econômico dessa produção repercutiu nas melhorias do setor de eletricidade, transporte e comunicação.

Como resultado desse processo que se integra às dinâmicas do urbano, Alfenas passa a se comunicar com as demais regiões ao passo que suas relações internas se fortalecem na união dos avanços tecnológicos e científicos para o aumento da produção agrícola, sobretudo, do café. As dinâmicas que se evidenciam a partir da inserção de novas funções na cidade vão originando

novas características, e a cidade que antes se comportava numa escala menor de interação e ordenamento das relações, passa a estabelecer interações mais solidificadas no espaço intra-urbano para atender às demandas externas.

4.3 Características da Região Geográfica Imediata de Alfenas

Como meios de compreender com mais especificidade as características que dinamizam a presença de Alfenas e sua interação com os demais municípios em sua região, essa parte se propõe em discutir como os fenômenos espaciais se comunicam para definição do porte de cidade média. A partir dos indicadores que serão discutidos, propõe-se também espacializar a região de influência a partir da definição de Região Geográfica Imediata de Alfenas, definido pelo IBGE em 2017.

O interesse em produzir um ordenamento sistemático do território brasileiro decorre da necessidade em conhecer, inicialmente, os "aspectos demográficos, produtivos, de infra-estruturas, organização social e de suas bases fisiográficas" (CONTEL, 2014, p.2) presentes nas diversas partes do país. A organização dessas informações desde o início já eram designadas a setores governamentais, porém foi a partir do IBGE em que a primeira divisão regional foi realizada no final da década de 1930 (CONTEL, 2014), definindo premissas que seriam compatíveis à regionalização da época. As demais regionalizações realizadas posteriormente levaram em conta as mudanças territoriais em decorrência da ampliação das redes rodoviárias, do processo de industrialização, do aumento das circulações produtivas e da urbanização a qual o país alcançava no decorrer dos anos (CONTEL, 2014).

Concomitante ao processo de evolução do capitalismo que pode ser entendido a partir da transformação das técnicas do Meio Técnico-Científico proposto por Santos (1994), o autor resgata que a conceituação da região está em embasada nas "divisões do trabalho sucessivamente instaladas, impondo sucessivas mudanças na forma e no conteúdo das regiões" (SANTOS, 1994, p.48). Os agentes sociais, estruturas econômicas e políticas, nesse sentido, participam da mutabilidade nos meios de regionalização do espaço.

Considerando os períodos quando haviam menores interações espaciais até os dias atuais, o chamado período do meio técnico-científico-informacional, Santos (1994) revela que as relações se espacializam com maiores complexidades a partir dos aspectos demográficos evidenciado pela taxa de urbanização e da capacitação técnica das indústrias a partir do aumento da produtividade, portanto, revelam a maior interdependência dos espaços a partir da

constituição de redes mediadas pelos avanços no setores tecnológicos e comunicativos (SANTOS, 2003).

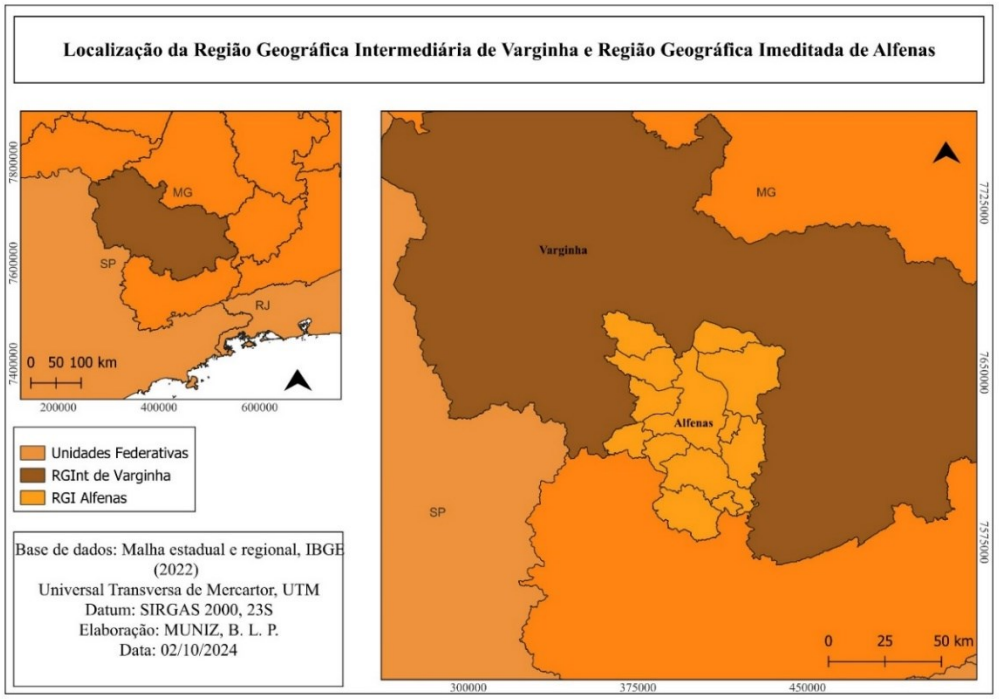
A Região Geográfica Imediata (RGI) de Alfenas está inserida na Região Geográfica Intermediária (RGInt) de Varginha, esta sendo uma das 13 RGInt de Minas Gerais. Para a divisão das RGInt, o IBGE (2017) define seu recorte a partir da maior complexidade dos equipamentos urbanos presentes nessa região, concentrando e organizando o território numa hierarquia a partir da presença intermediária dessas cidades entre as UF's e as RGI. Já as RGI possuem um nível de influência maior sobre as cidades ao redor no que tange o suprimento:

> Das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros (IBGE, 2017, p.20).

De acordo com o IBGE (2017, p.20) "a proposta de regionalização do território brasileiro foi baseada na identificação de cidades-polo e dos municípios a elas vinculados", partindo dessa divisão que segue critérios acerca da hierarquização das cidades, pretende-se a construção de quadro teórico que permita analisar a cidade de Alfenas uma cidade que concentra os serviços especializados realizando uma influência as cidades de sua RGI, assim a posição da cidade na condição de porte médio. As figuras 7 e 8 abaixo localizam a RGInt de Varginha e a RGI de Alfenas e os municípios integrantes:

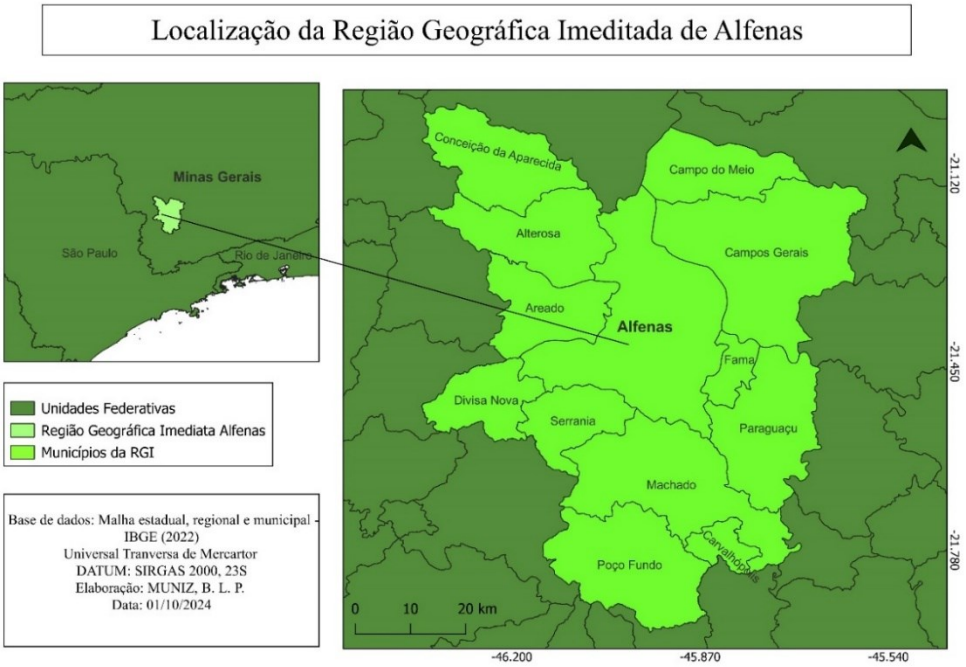
Figura 6: Localização da RGInt de Varginha e RGI Alfenas.

Figura 7: Localização da Região Intermediária de Varginha e Região Geográfica Imediata de Alfenas.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Figura 8: Municípios e Localização da Região Geográfica Imediata de Alfenas



Fonte: Elaboração própria, 2024.

A RGI de Alfenas está organizada a partir da união de 13 municípios, sendo: Alfenas, Areado, Alterosa, Campo do Meio, Conceição de Aparecida, Campos Gerais,

Carvalhópolis, Divisa Nova, Fama, Machado, Serrania, Paraguaçu e Poço Fundo. As características populacionais das cidades da RGI de Alfenas estão sistematizadas na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: População e extensão territorial da RGI de Alfenas

Municípios	**População Total**	**Extensão Territorial (km²)**
Alfenas	78.970	850,446
Alterosa	13.915	362,010
Areado	13.881	283,124
Campo do Meio	11.377	275,426
Campos Gerais	26.105	769,504
Carvalhópolis	3.341	81,101
Conceição da Aparecida	10.371	351,521
Divisa Nova	5.851	216,955
Fama	2.578	86,024
Machado	37.684	585,958
Paraguaçu	21.723	426,296
Poço Fundo	16.390	474,244
Serrania	7.621	209,270
Total	**249.807**	**4.970,876**

Fonte: IBGE Cidades, 2022. Elaboração própria.

De acordo com a tabela 1, verifica-se que a população total de cada município constitui uma rede de cidades de pequeno porte, exceto Alfenas que se destaca com sua população acima de 70 mil habitantes. Em decorrência dessa organização espacial que resgata seu histórico de evolução ligada ao sistema agrícola e os setores econômicos envoltos nessa dinâmica, as relações que participam da rede urbana destacada estão intimamente ligadas com suas interações ao campo, dificultando a delimitação das características que pertencem a cidade e o espaço rural (VALE, 2005).

As características da ruralidade na RGI de Alfenas são evidenciadas a partir do agronegócio do café “que consolida a região sul mineira como a principal produtora de café do Brasil, com aproximadamente 25% da produção nacional” (ALVES, 2021). Por condensar um elevado índice de produtividade, a região concentra as cadeias produtivas que vão desde o

plantio e exportação internacional da commodity, evidenciando a comunicação da região com outros lugares do mundo pelo seu potencial agrícola. De acordo com Alves (2021), a RGI veio se especializando no setor de produção desde 2006, e em 2018 o número de empresas de cultivo, torrefação e moagem se unem ao montante de 73 empresas distribuídas em Alfenas, Machado, Campos Gerais e Paraguaçu. Em função da especialização do espaço rural para atender as demandas do mercado internacional, Alves (2021) ressalta que a RGI de Alfenas passou por um processo de commoditização do território a medida em que as áreas de plantio aumentaram para privilegiar a produção de commodity em detrimento das culturas de subsistência.

Considerando essa lógica presente nas cidades de variados portes, a medida em que as cidades passaram pelo processo de industrialização, modificação dos meios para realização de trabalho e as relações de gênero intrínsecas, entende-se que existe uma confluência nas interações a respeito da dinâmica do espaço urbano e o espaço rural, criando novas formas de se entender o conceito de ruralidade. A partir das relações que podem se estabelecer no âmbito do rural-urbano, Vale (2005) expõe algumas dificuldades em analisar os limites em que cada setor pode assumir no espaço geográfico, constatando uma complexidade ao considerar a influência de um sob o outro. Sob o ponto de vista da globalização, a autora (2005) evidencia que as redes possibilitam uma integração nos setores produtivos, comerciais, financeiros e informacional. A partir dessa perspectiva, ressalta ainda que há uma dependência entre ambos lados, sendo o "lado urbano (de recursos e informações exteriores) quanto do rural (de regulamentações nacionais e internacionais para o escoamento, transporte e aumento da produtividade". (VALE, 2005, 16017).

Acerca dos aspectos presentes em Alfenas, Alves (2021, p. 134) entende que "a dinâmica agropecuária tem reverberações importantes no comércio, serviços e agroindústria regional, o emprego na cidade é condicionado em parte, a atividades derivadas do espaço rural, integrando campo e cidade". Alfenas por condensar a maior população de sua RGI possui uma diversidade no setor de serviços, saúde e educação, porém ainda resgata seu histórico de desenvolvimento a partir da economia agrícola, não podendo definir com exatidão as separações entre o urbano e o rural.

4.4 Características de Alfenas na condição de cidade média

Compreendendo as transformações econômicas que reverberam nas modificações do âmbito rural e desenvolvimento urbano, a cidade de Alfenas de acordo com Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007), vem apresentando características de uma cidade média, destacando

variáveis que participam no tratamento quali-quantitavivo do processo de caracterização desse porte de cidade. Os autores (2007, p.8) destacam que o "crescimento da população urbana; migrações; distribuição setorial da população ativa; arrecadação municipal; equipamentos e relações dos setores comercial e de serviço; equipamentos e relações do setor industrial; infraestrutura de comunicação geral; a posição da cidade em sua rede urbana regional", são os parâmetros que participaram no processo de caracterização urbana das cidades médias.

Com definição, Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007) situam Alfenas no ano de 2006 dentro espectro de cidades médias propriamente ditas, que possuem:

> Características mais intermediárias, quando se trata do tamanho demográfico, da hierarquia e das funções econômicas. Em termos demográficos, há heterogeneidade neste nível hierárquico, mas as cidades aqui incluídas se encontram em sua quase totalidade com população entre 20.000 e 100.000 habitantes, ou seja, as cidades mais tipicamente médias (Amorin Filho, Rigotti e Campos, 2007, p.9).

Os indicadores presentes em Alfenas que colaboram para sua posição geográfica na condição de porte médio, podem ser justificados a partir do seu tamanho demográfico que concentra uma população de quase 80 mil habitantes (IBGE, 2022), sua posição de centralidade na Região Geográfica Imediata que hierarquiza os serviços disponíveis às demais cidades e das funções produtivas no âmbito rural e prestações de serviços. Nesse sentido, a cidade opera com equipamentos urbanos atrativos aos residentes das cidades ao redor de pequeno porte que se deslocam para Alfenas na busca de serviços bancários, tratamentos de saúde e educação.

No quesito morfológico, Alfenas possui sua organização intra-urbana que permite diferenciar os espaços conforme os quesitos propostos por Amorin Filho e Sena Filho (2007), sendo a zona central, pericentral, periferia e periurbana. Em razão da cidade estar organizada numa conjuntura que concentra os equipamentos urbanos como bancos, hospitais, comércio e mobilização da circulação no centro, é possível realizar essa classificação proposta pelos autores, bem como dos demais indicadores que possuem uma cerca distinção na organização interna da cidade. Tal dinâmica se mostra possível pela condição do porte de cidade média atribuído para Alfenas.

Sendo assim, a zona central de Alfenas pode ser identificada pela concentração do comércio com funções mais especializadas no ramo de eletrônicos, lojas de departamento, consultórios e comércios alimentícios que elevam o número de circulação de pedestres e carros em função dessa variedade na oferta dos serviços. Além disso, pode-se verificar uma presença de concentração do capital nessa área da cidade, mobilizada pela presença dos bancos nos arredores da Igreja Matriz e de uma população de alto poder aquisitivo nessa região. Em razão

dos hospitais especializados estarem localizados nessa área, é possível verificar uma circulação de ônibus e pessoas de cidades vizinhas para usufruir dos serviços de saúde.

A outra classificação dos autores (2007) proposta para análise morfofuncional das cidades médias é a zona pericentral, onde há predominância da função residencial. Essa zona constitui-se de um invólucro que se estende para os bairros próximos ao centro, onde é possível acessar com facilidade os serviços concentrados na zona central. É possível localizar ainda, a presença de casarões com arquitetura colonial que remetem à evolução da cidade a partir dessa zona e que atualmente exercem uma função diferente em relação aos séculos passados. Como exemplo, pode-se citar a agência do Correios e o Banco Santander.

Já a zona periférica predomina a função residencial, entretanto, há uma maior diversidade no porte das casas, podendo ser em residências individuais ou conjuntos de prédios coletivos (AMORIN FILHO & SENA FILHO, 2007), geralmente oferecidos pelo assistencialismo do poder estatal. Essa região poder ser visualizada na região Oeste a partir da extensão da Avenida Jovino Fernandes Sales, onde está localizado o Santa Clara e Pinheirinho.

A região periurbana tal como propõe os autores, é possível verificar em Alfenas nos lugares onde há uma concentração dos fluxos de origem industrial, mas que ainda concentra uma função residencial. A indústria UNIFI localizada no Distrito Industrial está situada às margens da Rodovia Perimetral Oeste que se liga à BR-369, facilitando a circulação e escoamento da produção têxtil. De acordo com a definição desse tipo de empreendimento na cidade, “as paisagens desta auréola são, então, caracterizadas pela justaposição de elementos da paisagem rural e elementos de urbanização” (AMORIN FILHO & SENA FILHO, 2007, p. 56 *apud* GERVAISE *et. al.,* 1997, p. 125).

A necessidade em ressaltar como as cidades médias realizam interações com demais cidades pode ser entendida a partir de Sposito (2007, p.233), que destaca a posição de transição desse porte de cidade “e de seus papéis das relações, sobreposições e articulações com o espaço rural e com outras cidades em múltiplas escalas”. Para estabelecer uma relação entre ambos espaços, a autora propõe a leitura da presença da cidade média participando de sua escala regional, portanto, a sobreposição de uma escala de análise permite uma compreensão ampliada acerca das relações da rede urbana e intraurbano.

A partir da dinamicidade que Alfenas mobiliza em sua rede urbana, “as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico” (CORRÊA, 2006, p. 279). Entretanto, deve-se considerar que os movimentos nunca estarão ocorrendo simultaneamente,

nem mesmo em níveis iguais de intensidade e direção, sendo assim, essa assimetria expõe uma valorização diferenciada dos lugares onde ocorre tais interações (CORRÊA, 2006).

Considerando o processo histórico de evolução da cidade que exime uma diferenciação na ocupação das áreas de moradia, Alfenas pode ser considerada uma cidade com grandes níveis de segregação em função do seu tecido urbano ser relativamente pequeno e expor uma disparidade elevada no que tange ao acesso a boas condições de moradia e aos espaços centrais. A perpetuação dessa segregação pode ser entendida a partir da proliferação dos condomínios fechados na zona Leste (AZEVEDO, 2021), da especulação promovida pelos agentes imobiliários (CORRÊA, 1989) principalmente nos arredores da UNIFAL e do elevado número de comércios no centro, aumentando o valor dos aluguéis na zona central concomitante ao processo de ocupação de áreas distantes pela população empobrecida.

Em vista da ocupação desigual que se apresenta no município a partir da possibilidade em diferenciar as zonas morfológicas com predomínio do setor de serviço na área central e a função residencial na zona pericentral e periférica, verifica-se a atratividade que o centro exerce sobre as demais áreas em função de concentrar a dinâmica da oferta de serviços na cidade, fazendo com que a circulação nessa área seja maior.

Com isso, a população que encontrou possibilidade de morar na zona periférica em razão do baixo custo do aluguel, se desloca com frequência para o centro onde há maiores chances de encontrar os comércios para consumo de bens duráveis e não duráveis, a maior diversificação na procura de serviços e acessos às agências bancárias. Essa dinâmica mobilizada pela presença da rodoviária na praça realiza o intercâmbio de moradores que precisam se deslocar diariamente pela cidade para ter acesso ao centro e aos bairros de residência. Acerca dessa interação que a cidade estabelece no âmbito local, as dinâmicas presentes na região central estabelecem relações com as demais áreas da cidade (CORRÊA, 1989), articulando a cidade por meio dos fluxos presentes nas diferentes regiões. A esse fenômeno, Corrêa (1989) aponta que a cidade ao mesmo tempo que é fragmentada, possui uma articulação por meio desses contatos que ocorrem cotidianamente.

Ao assumir a morfologia urbana de Alfenas separada em zonas (central, pericentral, periférica, periurbana), pode-se verificar dinâmicas espaciais que ocorrem singularmente em cada espaço da cidade, porém ainda forçam as interações entre si. Na zona periférica onde prevalece a função residencial (AMORIN FILHO & SENA FILHO, 2007), em Alfenas pode-se visualizar um crescimento na quantidade de empreendimentos nos bairros onde há uma maior concentração da população empobrecida, tal como hipermercados, lojas de roupa e um relativo sub centro. Esse exemplo pode ser visualizado ao longo da Avenida Jovino Fernandes Sales,

onde houve um aumento da circulação de estudantes e uma ocupação dos bairros ao entorno da Avenida.

O aumento dos fluxos participando dessa dinâmica, propiciou o estabelecimento desses comércios que atendem aos serviços básicos da população, sendo necessário, por vezes, se deslocarem até o centro para uma demanda mais específica. Evidenciando essa relação no espaço intra-urbano de Alfenas, os residentes da zona periférica são colocados numa condição de exclusão em relação ao centro, exigindo que os movimentos aconteçam numa frequência elevada, seja para acessar o trabalho, consumo nas lojas, especialização dos serviços de saúde e acesso às atividades culturais.

O acesso à cidade e aos espaços centrais sendo uma dinâmica motivada pelas relações de trabalho e consumo, permitem apontar que, os sujeitos envolvidos numa cotidianidade condicionada pelas relações produtivas vivenciam um espaço programado e orientado seguindo à dinâmica do capital (CARLOS, 2014), esvaziando o uso do espaço para o estabelecimento das trocas, esta numa dinâmica mercadológica. Tal fragmentação onde é possível observar os locais de realização da vida, a moradia, o trabalho e o lazer, impõe uma experiência citadina alienante e esvaziada, na qual os sujeitos se reconhecem na obtenção de mercadorias (CARLOS, 2014), do qual as propagandas sonoras, os outdoors e folhetos possuem grande poder de influenciar na aquisição.

De modo similar, o excesso de informação na cidade composta pela linguagem através de placas de trânsito, semáforos, placas de led, procuram regrar a experiência de vida nos centros urbanos, ordenando quando, onde e como deve-se operar na cidade, conduzindo a vivência no tempo do capital. Em contrapartida, as ações que vão contra essa organização do espaço, que desviam à norma, são condutas a serem passivas à implicação da regra, geralmente por intervenção do estado militarizado. Desse modo, a pesquisa procura destacar como a pixação e o graffiti vão contra essa normatização do uso da cidade somente como meio de exercício do trabalho (CARLOS, 2014), dinamizando outras formas de se relacionar com o espaço (PIRES, 2019).

Em vista da desigualdade produzida e baseada na sustentação do capital, a possibilidade de reivindicação do acesso ao centro por meio da pixação e do graffiti no espaço urbano tornam-se elementos a serem analisados a medida em que os sujeitos exercem uma conduta anti hegemônica para estarem presentes nesses espaços, mobilizando ações dos poderes públicos e privados. Ambas esferas orientadas pela lógica capitalista, procuram meios de conter esse tipo de intervenção na cidade por alegar a produção de uma paisagem da desordem oriunda dos pixadores, entretanto, o que se verifica nessa contradição, é o uso de uma linguagem difícil de

ser compreendida (LASSALA, 2017), espacializada na cidade por meio a subversão dos espaços públicos e privados e geradora de um incômodo, é que ressignifica a relação do sujeito com a cidade, possibilitando o surgimento de uma outra identidade que nega o tempo do capital (PIRES, 2019). Portanto, a pixação e o graffiti se constituem enquanto possibilidades dos sujeitos acessarem os espaços centrais, contradizendo a lógica de organização que orienta o centro somente como espaço de circulação do capital.

O que se verifica no espaço central de Alfenas e que revela uma nova forma dos sujeitos experienciarem o centro, é a proliferação de pixos nos muros, praças, agências bancárias, ponto de ônibus e rodoviária. Tal manifestação chama atenção por se compor de uma linguagem que pouco dialoga com a sociedade, gerando um sentimento aversivo, mas que revela um objetivo, seja pela necessidade de ser visto ou de denunciar algo, mas o que essa paisagem expõe em si, é o desejo de reivindicação do espaço por meio da sua subversão (LASSALA, 2017) motivando a interpretação dessa conduta sob dois aspectos, um pela apropriação do bem alheio, outro pelo comportamento considerado marginal. O uso do alfabeto criado pelos próprios pixadores, como aponta Pires (2017), se produz no campo no dissenso na medida em que sua intenção não é a comunicação plena com a sociedade, mas a produção de uma paisagem que revela a presença de sujeitos políticos que se adotam de condutas não convencionais para reivindicação social.

Por evidenciar e ser motivada pelas relações de ordem socioespacial e política, a pixação e o graffiti, nesse sentido, procuram denunciar por meio de um signo (as inscrições), as violências que produzem a desigualdade e que recriam esse espaço ordenado pelo capital, condicionando os sujeitos viverem na constância de uma vida esvaziada (CARLOS, 2014). Por meio da insurgência de uma identidade a qual o pixador se vincula e escreve na cidade, o sujeito ocupa os espaços onde a resistência, individual e coletiva, é parte elementar da existência. Portanto, significa apontar que a produção de um espaço segregado produz a manifestação de sujeitos que, contra à ordem, atentam contra o sistema e as normatizações da vida gerenciada, recriando outras possibilidades de se colocar no mundo, mediando relações sociais e ações políticas.

Dentre as possibilidades de se interpretar a pixação e o graffiti em Alfenas, verifica-se a existência de codinomes que sintetizam e resgatam os modos de vida de uma sociedade rural, como exemplo pode-se citar a assinatura “MINERO”. Desse modo, a pixação e o graffiti no cenário local podem ser interpretados por meio de um movimento que, apesar de haver uma historicidade nacional e internacional, é constituída seguindo as dinâmicas de uma cidade média, onde ainda se apresenta numa conjuntura de comunicação com o rural, porém, com

reivindicações e comportamentos herdados de centros urbanos já consolidados como metrópoles, a exemplo de São Paulo.

5. BREVE HISTÓRICO DAS INSCRIÇÕES URBANAS: DA PICHAÇÃO A PIXAÇÃO

"Esse aqui é meu salve
Pros mulequinho que pinta
O cinza de preto fosco da cidade
{...}
Pra todo aquele que faz do pixo uma forma
De resistência pelos grandes centros
urbanos desse país
{...}
É o caos, mano"

Meus amigo pixador, Fabrício FBC, 2015.

Esse capítulo dedica-se a contextualização da origem das escritas urbanas como meio de reivindicação social que se expande da Europa para as Américas a partir da década de 1960 e suas transformações até os dias atuais. Por meio da iniciativa de ocupar espaços públicos com frases de ordem, verifica-se a utilização da linguagem escrita nas estruturas urbanas que, desdeo início, ao demarcar ilegalmente esses espaços, provoca mobilizações do Estado e da sociedadena tentativa de criminalizar a prática, condenando os sujeitos e as escritas à marginalidade.

5.1 Contexto do início das inscrições urbanas

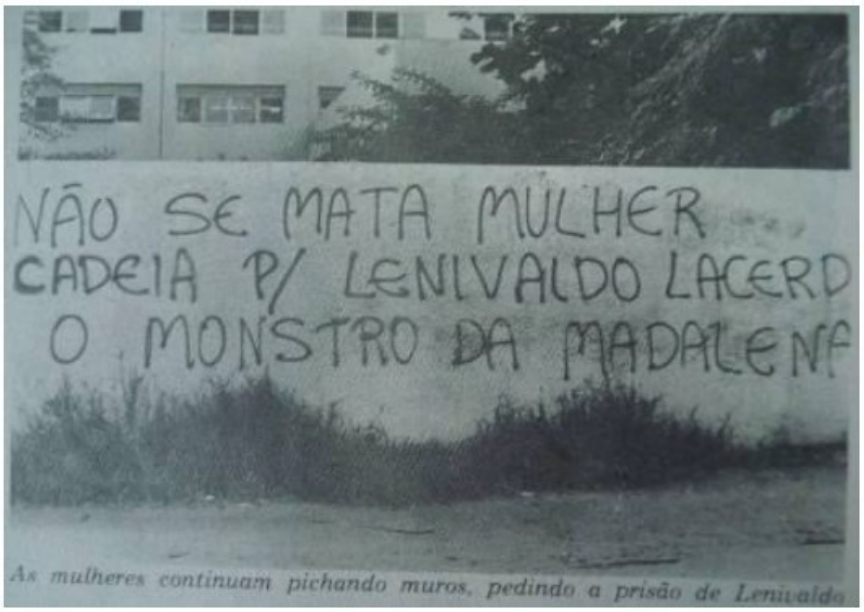
As inscrições urbanas tal como se conhece atualmente deriva de um momento histórico quando em Maio de 1968 em Paris, uma coletividade entre jovens estudantes e assalariados seuniram em busca de melhores condições trabalhistas, realizando diversas manifestações e greves (PAPALI; ZANETTI; VIANNA, 2017). De acordo com Pires (2017), ao retomar a historiografia das inscrições ilegais realizadas em centros urbanos, é imprescindível a discussão acerca do momento para o qual se chama atenção, pois foi durante essa insurreição que "[...] nos acontecimentos de maio de 1968, em Paris, as escritas ilegais ganharam destaque também por sua profusão e por seu teor libertário, em ataques aos valores autoritários e conservadores da sociedade burguesa" (PIRES, 2017, p. 32).

As inscrições de Paris, como ressalta Papali, Zaneti e Vianna (2017), podem ser entendidascomo um reflexo do período social e político que se encontravam em turbulência em 1968, correspondendo às manifestações de reivindicações políticas e culturais. A união entre estudantes e assalariados em busca de melhores condições se encontram na necessidade em romper com estilos arcaicos de educação e contra a injustiça no âmbito trabalhista nas fábricas (PAPALI; ZANETTI; VIANNA, 2017). Lassala (2017, p.84), ao analisar o período e a forma pela qual se realizam as inscrições, aponta que "as letras eram de fácil entendimento para todos,pois comunicavam a indignação de alguns grupos para o cidadão médio e para as autoridades".Nesse período, Mittmann (2012) ressalta que os muros e paredes da capital francesa refletiam as ideias libertárias através das frases "é proibido proibir", "exija o impossível" e "faça amor não faça guerra".

Assim como no cenário internacional a pichação se baseia em momentos políticos para evidenciar a presença de uma classe que resiste, no Brasil as décadas da ditadura militar tambémserviram como estopim para a propagação de frases de cunho político (LASSALA, 2017; PIRES, 2017). De acordo com Soares (2012), as pichações foram ferramentas de denúncia social frente às violências do poder militar contra estudantes, políticos, trabalhadores e membros de organizações sociais. Em relação a esse período, o autor destaca que os direitos sociais, civis, políticos e humanos foram negados e suprimidos pelo regime militar, sendo as pichações uma manifestação popular e coletiva como "instrumentos de expressão da luta pelo pleno exercício da cidadania" (SOARES, 2012, p.33).

Em vista da dificuldade da sociedade expressar-se contra os ditames militares, verifica-se nesse período diferentes formas de denunciar a repressão exercida sobre os agentes sociais. Cartazes na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) denunciavam estudantes sequestrados, muros públicos foram pichados com nomes de agressores de mulheres e demais inscrições que pediam a prisão de torturadores (SOARES, 2012). A figura 9 abaixo mostra uma das pichações realizadas por mulheres em Recife durante esse período turbulento da sociedade brasileira:

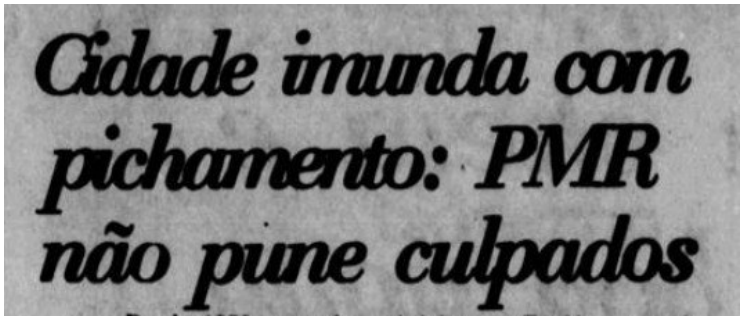
Figura 9: Pichação de mulheres durante a ditadura militar brasileira.



Fonte: Soares, 2012.

Durante a ditadura, verifica-se que as pichações se tornaram motivos de mobilização do Estado em vista da proliferação dessas inscrições contra a ordem política vigente, tornando-se uma questão pública. Há registros em jornais que denunciaram as pichações de diversas naturezas, como"romantismo, ironia, propaganda. Nelas há linguagens e códigos próprios, às vezes apenas inteligíveis a alguns grupos e/ou sujeitos." (SOARES; GOMES; IAPECHINO; 2008, p. 3). Abaixo um excerto do Diário de Pernambuco mostra como a pichação tornou-se um problema a ser resolvido pelo Estado por meio da interferência de figuras políticas:

Figura 10: Denúncias da pichação no cenário nacional durante a ditadura militar brasileira.

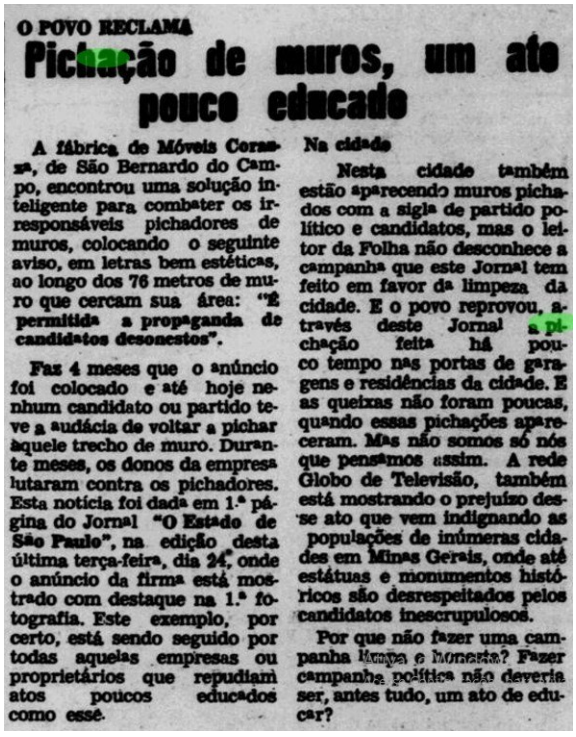

Cidade imunda com pichamento: PMR não pune culpados

Fonte: Hemeroteca – Diário de Pernambuco, 16/08/1980.

A constante vinculação da pichação à desordem e sujeira se constitui na maioria das matérias desse período e quando os manifestantes viram que suas ações repercutiram negativamente na mídia, essa movimentação, segundo Pires (2017), motivou ainda mais a ação dos grupos que buscavam denunciar a situação do país causando um incômodo as autoridades por meio de suas inscrições. Desse modo, a pichação como mecanismo de desordem à norma éverificada significativamente a partir da época da ditadura, podendo ser constatada também a criminalização de "produções artísticas, edições de livros, aulas e quaisquer atividades que fossem,segundo o entendimento das forças repressoras, abarcadas pela Lei de Segurança Nacional" (PIRES, 2017, p. 34).

Nas cidades de Machado e Paraguaçu, as quais fazem fronteira com Alfenas, foi possível identificar a presença de pichações durante a década de 1982, motivada pelas eleições municipais e causando a revolta dos moradores. A partir das notícias é possível verificar também a ação política dos sujeitos que picham estátuas e monumentos históricos em Minas Gerais, contestando a presença pública de figuras que participaram do processo de colonizaçãodo Brasil. A seguir, nas Figuras 11 e 12, dois excertos das matérias que ajudam a compreender a presença dos pichos na região sul mineira durante o período ditatorial.

Figura 11: Folha machadense denunciando as pichações em Machado-MG, 1982



O POVO RECLAMA

Pichação de muros, um ato pouco educado

A fábrica de Móveis Coramsa, de São Bernardo do Campo, encontrou uma solução inteligente para combater os irresponsáveis pichadores de muros, colocando o seguinte aviso, em letras bem estéticas, ao longo dos 76 metros de muro que cercam sua área: "É permitida a propaganda de candidatos desconcstos".

Faz 4 meses que o anúncio foi colocado e até hoje nenhum candidato ou partido teve a audácia de voltar a pichar àquele trecho de muro. Durante meses, os donos da empresa lutaram contra os pichadores. Esta notícia foi dada em 1.ª página do Jornal "O Estado de São Paulo", na edição desta última terça-feira, dia 24, onde o anúncio da firma está mostrado com destaque na 1.ª fotografia. Este exemplo, por certo, está sendo seguido por todas aquelas empresas ou proprietários que repudiam atos poucos educados como essé.

Na cidade

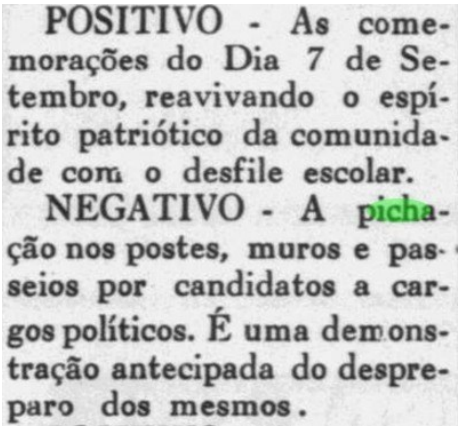
Nesta cidade também estão aparecendo muros pichados com a sigla de partido político e candidatos, mas o leitor da Folha não desconhece a campanha que este Jornal tem feito em favor da limpeza da cidade. E o povo reprovou, através deste Jornal a pichação feita há pouco tempo nas portas de garagens e residências da cidade. E as queixas não foram poucas, quando essas pichações apareceram. Mas não somos só nós que pensamos assim. A rede Globo de Televisão, também está mostrando o prejuízo desse ato que vem indignando as populações de inúmeras cidades em Minas Gerais, onde até estátuas e monumentos históricos são desrespeitados pelos candidatos inescrupulosos.

Por que não fazer uma campanha limpa e honesta? Fazer campanha política não deveria ser, antes tudo, um ato de educar?

Fonte: Hemeroteca, Folha Machadense, 1982.[1]

[1] Edição 416, p.2, 28/08/1982.

Figura 12: Jornal "A voz da cidade" de Paraguaçu-MG denunciando as pichações na cidade, 1982.


POSITIVO - As comemorações do Dia 7 de Setembro, reavivando o espírito patriótico da comunidade com o desfile escolar.

NEGATIVO - A pichação nos postes, muros e passeios por candidatos a cargos políticos. É uma demonstração antecipada do despreparo dos mesmos.

Fonte: Hemeroteca, A voz da cidade, 1982.[2]

Em âmbito nacional em vista do aumento das pichações contra militares, foi aprovada a Leide Segurança Nacional (LSN) em 1967 pelo presidente Castelo Branco. Essa norma "[...] definiu os crimes contra a segurança nacional e a ordem política e social, um dos principais instrumentos jurídicos da ditadura militar" (SOARES, 2012, p.151). A partir das alterações realizadas na Lei em 1969, a pichação foi sendo cada vez mais alvo de proibição, passando dapena de detenção de seis meses a dois anos em 1967, para pena de reclusão em 1969 que previade um a três anos (SOARES, 2012).

Durante esse período ainda, houve algumas estratégias dos manifestantes em propagar as pichações contra o governo. Soares (2012) aponta que as pichações começaram a ser realizadasem ônibus que circulavam pela cidade pois a visibilidade era maior. Pires (2017) evidencia a presença desse tipo de inscrição em Belo Horizonte por estudantes da Escola de Medicina da Universidade Federal em 1968 que pode ser visualizada na figura 13:

[2] Edição 601, p. 3, 11/09/1982.

Figura 13: Ônibus pichado "fora ditadura" em Belo Horizonte, Minas Gerais, 1968.

Fonte: PIRES, 2019.

Esses tipos de inscrições durante o período da ditadura foram realizados em sua maioria emgrandes capitais, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro. Entretanto, a discussão acerca da amplitude alcançada pela pichação que causou mobilizações militares no Brasil durante a ditadura se faz necessária para o entendimento da conjuntura atual que resgata elementos subversivos dessa época. Da mesma forma, verifica-se que o tratamento da pichação como sujeira e vinculação àdesordem é reflexo do período ditatorial, em vista das práticas atuais ainda se basearem nos momentos políticos para a propagação dos pichos. A seguir, as fotos 14 e 15 demonstram as reivindicações políticas em Alfenas.

Figura 14: Muro da UNIFAL-MG. "Greve geral" e "NEGRO".

Fonte: Evânio dos Santos Branquinho, 2022.

Figura 15: Muro da UNIFAL-MG. "Ele não, ele nunca!".

Fonte: Evânio dos Santos Branquinho, 2022.

5.2 Transformações das inscrições urbanas

As inscrições realizadas durante os períodos destacados anteriormente em comparação aos grafismos atuais, revelam que os escritos urbanos passaram por uma transformação na

forma de elaboração das grafias e nas intencionalidades dos sujeitos. Há uma aproximação, entretanto,dos dois períodos destacados acima, a insurreição de Paris em 1968 aponta para um momento de reivindicação da sociedade por direitos trabalhistas (MITTMAN, 2012), assim como no Brasilas pichações foram instrumentos de denúncia das violências militares contra a sociedade, os quais estudantes, trabalhadores e uniões políticas, apropriaram-se dessa linguagem para expor a repressão e autoritarismo (SOARES, 2012).

Entretanto, a análise desse tipo de inscrição, que nasce com intuito de causar incômodo ao poder público militarizado, ganha novos rumos a partir de 1970 quando as ruas de Nova York presenciam um novo estilo de pichação, tal como apontam Mittman (2012) e Lassala (2017). As primeiras aparições de assinaturas ocorreram a partir da intervenção de um jovem entregador "que em determinado momento resolveu espalhar seu codinome e o número da rua de sua casa pelos diversos cantos que transitava por conta de seu trabalho" (MITTMAN, 2012, p. 23). Lassala (2017) aponta o início desse tipo de inscrição realizada por porto-riquenhos em Nova York, que não demorou para que outros jovens começassem a espalhar suas assinaturas nos cantos da cidade.

Vale destacar, entretanto, que as inscrições realizadas durante a ditadura brasileira, os movimentos sociais em Paris de 1968 e o início das assinaturas em Nova York, não possuem uma distinção específica entre pichação, pixação ou graffiti. A generalização dos escritos urbanos como graffiti são características no cenário internacional, sendo a distinção das escritas entre os tipos citados acima, uma denominação propriamente brasileira (LASSALA, 2017; PIRES, 2017). Friza-se ainda que a pichação norte-americanasurgiu com a intenção de marcar a presença de determinados sujeitos na cidade, esta não influenciou a elaboração das letras da pixação paulistana, lugar onde a proliferação desse tipo de inscrição originou-se no Brasil (LASSALA, 2017).

No final de 1970, verifica-se a presença repetida da inscrição "cão fila km 26" que indicava um canil onde vendia-se cães da raça Fila brasileiro (LASSALA, 2017; PIRES, 2017),unicamente como função de propaganda. Em vista da inscrição ter começado a se alastrar pelosmuros de São Paulo durante a época da ditadura, os militares cogitaram a escrita um ataque contra o regime, fazendo com que o dono do canil tivesse que declarar em rádio a real funçãodas escritas (SEU VIZINHO, 2019)[3] . Alguns autores consideram o "cão fila km 26" o início da pixação em São Paulo em decorrência da sua proliferação em diversos lugares da cidade. Oato de repetição iniciado pelo vendedor de cães, segue um dos princípios do pixo que é a propagação de uma determinada assinatura/símbolo em diferentes regiões da cidade, podendo alcançar até mesmo outras regiões do estado ou país.

[3] Ver: Cão Fila KM 26 – O início da pixação. Disponível em: https://www.foconojardimmiriam.com.br/2019/03/10/cao-fila-km-26/#

Figura 16: Cão fila km 26.

Fonte: Seu Vizinho, 2019.

Percebe-se que no caso do Brasil as escritas urbanas verificadas até início da década de1980 evidenciam marcas que projetam uma mensagem para a sociedade, seja no intuito de denunciar determinado momento político ou até mesmo uma propaganda comercial. Esses grafismos, sendo assim, são interpretados a partir da caracterização da pichação com "ch", na qual se utiliza o alfabeto convencional para transmitir algo passível de ser interpretado (PIRES,2017). Lassala (2017, p. 46) define a pichação como um ato transgressor em sua essência, queprocura "chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão do suporte". Considerando esse recorte, as escritas que possuem letras legíveis, mas que ainda se valem de lugares não autorizados para realização da frase, são interpretados como pichação no desenvolvimento da pesquisa. Em síntese, a pichação se caracteriza como qualquer tipo de inscrição que se realiza em espaços não autorizados, indo desde a escrita de frases motivacionais, denúncia de políticos e reivindicações sociais.

Especialmente a partir da década de 1990, verifica-se na paisagem da capital paulistana um novo estilo de grafia denominada pixação com x (MITTMAN, 2012; PIRES, 2017; LASSALA, 2017). Ao caracterizar propriamente esse estilo de escrita urbana a qual

pretendemos analisar sua evolução, a atual presença dos grafismos na paisagem de Alfenas e acontribuição dos agentes sociais para a produção do espaço, torna-se necessário apresentar brevemente a dinâmica pela qual a pixação se apresenta na cidade.

Vale destacar que o início da pixação ocorreu principalmente nas grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, sendo o surgimento dessas expressões carregadas de características próprias de intervenção dos sujeitos onde atuavam. Considerandoa pluralidade pela qual a pixação pode se apresentar no espaço, leva-se em conta as características locais de cada cidade, tal como aponta Pires (2017, p. 48) "a forma como o espaço urbano é ordenado, seus monumentos e patrimônios, além das relações que as pessoas estabelecem com os lugares influenciam a pixação e dotam-na de sentidos variados".

Ao iniciar a caracterização da pixação como um movimento que envolve uma cultura coletiva, possui particularidades sociais e diferentes motivos pelos quais os sujeitos grafam a cidade, interpreta-se a pixação como uma escrita "que tem a cidade como seu elemento constituidor e que dialoga com as múltiplas temporalidades presentes na urbe" (Ibid., p.48). A pixação assim, assume uma forma e função diferentes quando se compara com a pichação. A distinção da pichação e graffiti, segundo Pires (2017)

> Ocorreu, sobretudo em virtude de uma questão estética e de conteúdo, passando a associar a primeira ao vandalismo. Isso ocorreu à medida em que a pichação foi se distanciando do explícito conteúdo político e figurando como inscrições enigmáticas e de pseudônimos associados a bairros, em uma estética pouco palatável aos espectadores. Ao mesmo passo, a ideia de graffiti foi relacionada ao campo artístico,mesmo as intervenções ocorrendo de forma transgressora, sem autorização, e seu conteúdo não sendo de fácil apreensão (PIRES, 2017, p. 39).

De forma similar, Lassala (2017) aponta que esse estilo de grafia, a pixação com x, é originária de São Paulo e possui uma característica própria de elaboração, o chamado pixo reto. Mittman (2012) referindo-se a esse mesmo movimento, realiza uma distinção das pichações doperíodo ditatorial:

> Diferentemente das pinturas do período da ditadura militar, só para constar um exemplo, onde era possível encontrar frases de ordem e de efeito político, os atuais pichadores paulistas não querem comunicar-se diretamente com todos os cidadões que coabitam esses espaços urbanos. A pichação em questão é um movimento de escrita direcionado aos próprios atores desse movimento. É um *código-território fechado*: opichador marca, apropria-se de um espaço físico, entretanto essa comunicação circula apenas entre os demais pichadores. Para quem não "pixa" é só ruído (MITTMAN, 2012, p. 26).

A composição estética da pixação a denota como uma linguagem que restringe seu

entendimento à comunidade de pixadores e alguns observadores que conhecem a composição das letras, se dá na elaboração de uma grafia própria (LASSALA, 2017), portanto, apoia-se num alfabeto criado pela comunidade, o qual pode ser adaptado conforme a identidade de cada pixador. Junto a isso, a pixação apresenta-se de variados modos, letras retas e pontiagudas (SPINELLI, 2007), setas, flechas, símbolos, todos esses elementos podem se constituir como possibilidades para a criação de uma assinatura, na qual o pixador elabora individualmente e/ouno coletivo.

A prática da pixação pertence ao universo derivado originalmente do graffiti, sendo estaexpressão um dos quatro elementos da cultura hip-hop[4] (CAMINHA, 2023). A presença dessainscrição na paisagem da cidade "surge como uma potência de como a linguagem é ressignificada e contestada. Os atores sociais que produzem o graffiti criam, então, seu própriomodo de produzir sentido por meio da escrita e da leitura sustentadas, essencialmente, pela prática social" (CAMINHA, 2023, p. 3). A elaboração do graffiti em comparação à pichação eà pixação, possui elementos mais complexos em sua construção, combinando "técnicas de pintura e noções de movimento, volume, perspectiva, cor e luz são conhecimentos indispensáveis para a atuação do grafiteiro" (LASSALA, 2017, p. 36).

A aproximação que se realiza entre as expressões citadas anteriormente com o graffiti, denota da apropriação de espaços na cidade, tal como muros abandonados, a possibilidade de transformação estética da paisagem (MITTMAN, 2012; LASSALA, 2017; BESSA & FEITOSA, 2023; CAMINHA, 2023). Entretanto, o que se verifica como estratégia de cooptação dos sujeitos e da prática social da pixação, é a constante validação do graffiti como arte em detrimento da pixação como sujeira, ou mero vandalismo juvenil (TABORDA & BERNARDES, 2018).

O graffiti como possibilidade do sujeito intervir no espaço na suposta legalidade da prática, envolve contradições que se encontram não só no imaginário social como perspectiva do graffiti embelezar tal espaço, mas até mesmo no âmbito da lei, onde há uma linha tênue entreo permitido e o ilegal. O graffiti muitas vezes é tido como uma solução para a pixação (PIRES, 2019), em vista da sua elaboração compor uma complexidade de elementos quepode ser combinada num desenho para causar reflexão na sociedade. Em Alfenas, verifica-se uma grande variedade de graffitis, entretanto, estas grafias apresentam-se como formas adaptadas da pixação com a finalidade de permanecerem por mais tempo na cidade. Os demaisgraffitis presentes em Alfenas podem ser visualizados em fachadas de lojas e estabelecimentos de recreação, transparecendo o poder mercadológico desse tipo de expressão.

Figura 17: Graffiti no muro do estabelecimento Jerônimo.

Fonte: Autora, 2024.

Um dos tipos de inscrições urbanas que se mostra numa fase intermediária da pluralidade acerca das formas estéticas da linguagem na cidade é o grapixo que combina elementos da pixação e do graffiti, "caracterizada por letras desenvolvidas por pixadores em São Paulo com a adição de duas ou mais cores no contorno e miolo das letras e, por vezes, com recurso de sombreado e/ou volume" (LASSALA, 2017, p. 52). A presença dessegrafismo na cidade evidencia como o pixador precisa se apropriar de diversas técnicas de elaboração para que sua escrita permaneça por mais tempo na cidade. O grapixo sendo uma combinação entre dois tipos diferentes de expressão, combina uma estética capaz de seaproximar da sociedade por evidenciar um trabalho mais elaborado, portanto, mais aceito. Um exemplo do grapixo é mostrado na figura 18 abaixo.

Figura 18: Grapixo da sigla "SPR"

Fonte: Autora, 2024.

A diversidade pela qual as apropriações simbólicas podem ocorrer no espaço, por vezes atravessa outras dimensões que não se encaixam na execução da escrita pela tinta ou spray, como é o caso do adesivo (sticker). Essa configuração artística pode ser visualizada na cidade a partir da colagem de desenhos em placas de trânsito, postes, latas de lixo, no qual o seu objetivo é uma resposta a profusão de propagandas e informação na cidade. A facilidade encontrada no transporte do adesivo permite que o sujeito espalhe com mais intensidade as figuras, entretanto, essa forma de expressão se torna ainda mais efêmera no espaço em decorrência do material pelo qual é feito (LASSALA, 2017) estando submetido adegradação pelas intempéries do tempo. A figura 19 abaixo é um exemplo do sticker pregado numa placa de trânsito em Alfenas.

Figura 19: Sticker colado numa placa.

Fonte: Autora, 2024.

Salienta-se que as inscrições urbanas não esgotam sua pluralidade nos tipos descritos acima, participando da paisagem também outros tipos de expressões como o estêncil, pós-graffiti, bomb, letreiro e mural (LASSALA, 2017). Em geral, esses estilos de grafismos expõem na cidade a possibilidade dos sujeitos transformarem a paisagem urbana por meio de uma linguagem que se encontra no campo do dissenso (LEAL, 2022; PIRES, 2017). Em vista dessas expressões serem resultados de uma combinação de técnicas artísticas variadas, os sujeitos procuram alcançar determinados objetivos a partir da subversão dos espaços (LASSALA, 2017), criando conflitos entre si, entre a sociedade, e principalmente com os poderes públicos e privados, que intentam prevalecer uma cidade higienizada (TABORDA & BERNARDES, 2018).

Apesar das expressões citadas acima possuírem características diversas entre si, elas não são encontradas separadamente na cidade (LASSALA, 2017), havendo também forte participação das propagandas por meio de outdoors, letreiros de led, placas de trânsito e semáforos. Entretanto, a definição acima procura demonstrar as particularidades das expressões consideradas ilegais na intenção de oferecer uma compreensão da complexidade e da dimensão que cada grafismo pode assumir no espaço. A discussão acerca da pixação e do graffiti como elementos da paisagem e sua presença em Alfenas será discutido adiante.

5.3 As inscrições urbanas nos entraves com o poder público

O contexto de evolução da pichação para a pixação pode ser observado a partir da utilização da escrita ilegal como meio de denúncia de contextos políticos partidários e reivindicações sociais para a passagem de uma escrita marginal (PIRES, 2017), composta de elementos do qual o significado é restrito a uma comunidade. Ao realizar uma interpretação acerca de como essas assinaturas são ilegíveis para os não letrados no alfabeto da pixação, é o fato de se parecerem mais como símbolos do que propriamente uma letra (LASSALA, 2017). Spinelli (2007) aponta que essa grafia possui referências da escrita árabe e do alfabeto gótico,

> Essas letras têm o jogo – ou o arabesco, como muito adequadamente foi definido – dos rabiscos próprios da verdadeira escrita árabe, com sua exigência quase exageradade entrelaçamentos que constroem cifras, bordados, heras; e também a seriedade do alfabeto gótico, feito de signos convexos e côncavos, de ângulos agudos, de improvisadas acelerações, com subidas e descidas dos signos. Talvez seja devido a esta matriz obscura e misturada – simultaneamente árabe e gótica, quase o máximo deincompreensibilidade – que raramente se compreenda o sentido desses grafites (SPINELLI, 2007, p. 113 *apud* CANEVACCI, 1993, p. 183).

A diferenciação dos significados entre pichação e pixação, segue a definição proposta por Pires (2017)

> A segunda distinção vai despontando ao passo em que o que é conhecido como pichação passa a se tornar algo específico, não somente diferente em termos formais.A distinção vai ganhando corpo e sentindo à medida que a prática de escrever nomese apelidos nos muros torna-se algo com características próprias. O ato de deixar umamarca pessoal nas paredes passou a agregar pessoas organizadas em formas de agrupamentos, inicialmente por bairros, posteriormente por afinidades, orientadas porregras próprias àquela forma de escrita (PIRES, 2017, p. 40).

A proposta de atuação da pixação, sendo assim, encontra no espaço uma nova oportunidade de sociabilidade entre os sujeitos e uma nova forma de se relacionar com a cidade (LEAL, 2022). Bessa & Feitosa (2023) ressaltam que as inscrições urbanas, seja qual for sua natureza, provocam uma transformação na paisagem a partir da atuação dos agentes sociais, entretanto, há uma marginalização maior da pixação por ser uma linguagem da qual os sujeitos periféricos adotaram para ocupar os centros urbanos (CAMINHA, 2023). Em vista do contextocitado, a pixação é interpretada no plano imediato como uma linguagem produtora de sujeira edesordem, facilmente vinculada ao vandalismo pela apropriação dos espaços

públicos e privados.

A pixação tal como descreve Pires (2017, p. 49), pode ser definida como “escrita ilegal, infame, profana, apropriação imprópria de muro em branco”. Essa configuração de escrita, portanto, foi se adaptando conforme as necessidades de expressão dos sujeitos na paisagem urbana. Tal como é possível verificar uma diversidade de canais de comunicação na cidade como propagandas, sinais sonoros, placas de trânsito, faixas, esses elementos buscam ordenar a experiência do sujeito na cidade, com orientações do que pode ou não ser executado.

Em contrapartida, a pixação aparece na paisagem como uma comunicação transgressora, situada no campo do dissenso (PIRES, 2017), na qual a apropriação de espaços não permitidos, se constitui como premissa elementar para sua realização (LASSALA, 2017). Essa escrita, entretanto, possui particularidades no que tange às suas formas de elaboração que não permitem a leitura e interpretação pela maioria da sociedade que não está letrada por tal alfabeto, sendo vista como algo aversivo. Tal como aponta Leal (2022, p. 250): “essa condiçãode ‘estar fora’ faz com que aquilo que é tido como sujeira ou desordem represente um risco, e por isso, é considerado como perigoso e como algo a ser eliminado”.

Carlos (2014) aponta que a mediação dos sujeitos com a cidade é a realizada a partir docorpo, no qual este estabelece interações em diversas escalas por meio de suas práticas sociais. A pixação como movimento que pertence à expressão envolvida numa cultura, participa de umaprática social à medida em que sua presença no espaço assume relações grupais, individuais, e“traz consigo um modo de vida, de organização de sociabilidade específica e apropriação da cidade” (PIRES, 2019, p. 159).

Por se organizar numa coletividade, o ordenamento das regras é estabelecido pelos pixadores, classificando-a como um movimento próprio (PIRES, 2019). Dessa forma, as regrasde conduta dos sujeitos nesses grupos possuem algumas premissas como originalidade, não invasão ao pixo do outro e perpetuação da memória coletiva. Entretanto, as formas de atuaçãodos sujeitos não são generalizadas, havendo intencionalidades diferentes ao inscrever napaisagem. Há quem faça pixação para se tornar conhecido, por brincadeira, criar ibope entre a comunidade, mas também há aqueles que realizam o pixo tendo em vista seu poder político em denunciar a estrutura desigual da sociedade, evidenciando as diferentes formas pelas quais os sujeitos se apropriam da cidade e suas reivindicações.

Ao retomar a historicidade das inscrições urbanas, esta nos evidencia a criminalização das escritas ainda durante a ditatura militar quando elaborada na forma de pichação. A necessidade e impetuosidade do poder público militarizado em conter esse tipo de escrita a partir da criminalização da prática, os pixadores começaram a ser vistos como sujeitos

perigososà ordem e segurança nacionais, podendo ser verificado a partir de 1967 quando a pichaçãofoi enquadrada na Lei de Segurança Nacional que a classificava como propaganda subversiva (NUNES, 2012; PIRES, 2017). As penalidades para quem praticava tal ato passaram a ficar mais severas a partir de 1969, quando se institucionalizou a reclusão de dois a quatro anos (NUNES, 2012).

Essas evidências nos revelam o poder que esse tipo de inscrita na cidade pode modificar as dinâmicas no campo institucional em vista da pixação ser uma linguagem de denúncia da conjuntura política e sua posterior transformação para a síntese de uma identidade individual/coletiva, que denota a pixação como um movimento subversivo. Atualmente, a Lei que emprega a pixação como crime está enquadrada na Lei Ambiental e possui algumas fragilidades interpretativas em relação à prática descrita no documento e as características de atuação da pixação e do graffiti. A fragilidade interpretativa da Lei que se apresenta, está na não caracterização do que seria o graffiti, quais elementos constituem essa expressão artística e os meios para sua realização. A Lei ainda reforça a proibição de comercialização de spray para menores de dezoitoanos, exigindo documento de identificação na aquisição dos materiais.

A Lei nº 9.605/98 dos crimes ambientais dispõe na Seção IV (Dos crimes contra o Ordenamento Urbano e patrimônio Cultural) no Artigo 65, a seguinte penalidade:

> Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa. Parágrafo único: Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de seis meses a um ano de detenção, e multa (BRASIL, 1998).

Entretanto, as alterações realizadas pela Lei nº 12.408/11 apontam que a prática do graffiti como meio de valorização do espaço, a partir da autorização não constitui meio para penalidades. De acordo com a inclusão desse parágrafo, a Lei passa a vigorar da seguinte forma:

> Não constitui crime da prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentidapelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 2011).

A partir do exposto, é notável que a pixação e o graffiti são práticas que se encontram em disputa com a legislação e a sociedade (LEAL, 2022), que criminalizam a prática por meio de uma dicotomia, sendo o graffiti uma expressão do belo e valorizável, enquanto a

pixação é vista como uma expressão da desordem e do vandalismo.

Em Alfenas, o tema da pixação levanta tensões políticas desde quando se verificou uma proliferação desse tipo de expressão na cidade, fazendo com que políticos tomassem como medidas de contenção ao pixo a participação de jovens no Programa Cidade Escola por meio das oficinas de graffiti. Em 2023, houve a indicação de medidas legislativas de um vereador para a Secretaria Municipal de Defesa Social na tentativa de transformar a predominância de pixação em graffiti na cidade:

> Indico ao Sr. Prefeito Municipal, na forma regimental, que verifique junto a Secretaria Municipal de Defesa Social, por meio do setor de inteligência e este, juntamente com os setores da Polícia Militar e Polícia Civil, a possibilidade de realizarem operações para coibir a prática de pichação em nossa cidade (ALFENAS, 2023).

O texto acima reforça o tratamento da pixação como algo a ser solucionado pelo poder público e militarizado, movendo ações no âmbito da Lei para a contenção da expressão na cidade. Como meios alternativos para a limitação dos pixos, a Indicação justifica

> Nesse sentido, entre as ações que poderá resolver o problema de pichação aleatória, que são apenas rabiscos, seria transformar a pichação em grafite por meio do Programa Cidade Escola. Com políticas públicas e educação para jovens e adultos infratores o grafite se torna uma forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais – mais especificamente da arte urbana -, no qual o indivíduo deixa de ser um pichador e passa a ser reconhecido como artista que aproveita os espaços públicos para criar uma linguagem intencional e visualmente bem mais interessante como forma de participação social (ALFENAS, 2023).

O que se interpreta a partir da indicação do vereador acima pode ser baseada nas contribuições de Pires (2017), do qual verifica o graffiti sendo empregado na condição de solucionador da pixação em vista da sua potencialidade de transformação dos espaços por meiode desenhos mais elaborados e utilização de diversas cores na composição. Reforça ainda, o que se verifica no imaginário social conservador que limita a pixação como riscos aleatórios esem intencionalidades. Ademais, o que se verifica nessas mobilizações legislativas é a tentativa de inserir a pixação no campo do permitido por meio dos conhecimentos oferecidos nas oficinasde graffiti no Programa Cidade Escola.

Por meio da realização das entrevistas, foi possível verificar que o poder público de Alfenas não se atenta para a diversidade de cultura no município pela fala abaixo:

> A cultura, enquanto política pública institucional, ela é tida como uma forma totalmente esvaziada do debate político. Se quando a gente para analisar o que foi feito de política pública, foi feito de acordo com as obrigatoriedades das últimas leis de fomento, então Lei Aldir Blanc 1, Lei Paulo Gustavo, política nacional Aldir Blanc. Fora isso, o município ainda não enxerga a cultura como a política pública. Então a

> gente tem um espectro da gestão da cultura como entretenimento, como evento. O turismo nem debate, nem se existe em Alfenas, né. Mas não como cultura em si. É, existe um diálogo, assim, por um lado eu vou criticar, mas por outro eu também vou defender, porque existe um diálogo com alguns agentes culturais, mas muito do âmbito da cultura popular, a música, tá? Os outros nichos, as outras manifestações culturais ainda deixam muito a desejar. Então a cultura de rua não é representada, não só não é representada, como não tem espaço de diálogo (Entrevistada 5, funcionária municipal, 28/11/2024).

A fala acima contribui para a compreensão de que a cultura de rua é relegada a outros planos, tal como os editais de premiação pela Lei Aldir Blanc e Lei Paulo Gustavo. Entretanto, os grandes eventos da cidade são os que realmente possuem investimento para a promoção de show's sertanejo e festival de rock. O que se pretende ressaltar, nesse sentido, é a contradição dos investimentos realizados constantemente para determinados segmentos da cultura enquanto a cultura de rua, que envolve em grande medida a realização de eventos de hip-hop, não possuem a atenção devida do poder público municipal, sendo a destinação das verbas àqueles que se inscrevem e concorrem aos editais.

A assimilação da pixação como uma expressão não intencional, condiciona esse tipo delinguagem a ser interpretada somente como meio de vandalizar a cidade, entretanto, o que se propõe a partir da pesquisa, é a aproximação da pixação como representação simbólica dos sujeitos no campo material, do qual reivindica espaços na cidade por meio da apropriação de espaços públicos e privados. Os entraves que participam da estigmatização da pixação como sujeira, carrega um viés que visualiza os pixadores como pessoas negras, pobres e de origem periférica, reforçando as tentativas de coação desses sujeitos. A fala do entrevistado abaixo evidencia como o poder público relega as responsabilidades da cultura de rua ao fomento por meio das Leis nacionais:

> Pelo menos nunca me chamaram pra fazer graffiti no espaço. Ah, já me chamaram pra fazer tipo, mas nunca foi ninguém do poder público, tá ligado? Foi só os parceiros mesmo, tipo fala "Ô, vai ter esse evento aqui, mano, cola aí". Aí ele ia pedir autorização pra prefeitura. Mas tipo, a prefeitura nem salva com o dinheiro da tinta, tá ligado? Ela só da autorização quando é evento e a gente tem que se foder lá comprando dois galão de tinta (Entrevistado 2, 18/09/2024).

A assimilação da pixação como uma expressão não intencional, condiciona esse tipo de linguagem a ser interpretada somente como meio de vandalizar a cidade, entretanto, o que se propõe a partir da pesquisa, é a aproximação da pixação como representação simbólica dos sujeitos no campo material, do qual reivindica espaços na cidade por meio da apropriação de espaços públicos e privados. Os entraves que participam da estigmatização da pixação como

sujeira, carrega um viés que visualiza os pixadores como pessoas negras, pobres e de origem periférica, reforçando as tentativas de coação desses sujeitos.

No entanto, Pires (2019) reforça que com o avanço da comunicação da internet mediadapor redes sociais e tecnologias de comunicação, a cultura hip-hop propagou-se com intensidade possibilitando o conhecimento das possibilidades de expressão da cultura, permitindo que houvesse uma comunicação em rede com sujeitos que se apropriam da pixação como exercíciodo fortalecimento da cultura hip-hop e das reivindicações por espaços e visibilidade na cidade.Nesse sentido, à medida que as

> Manifestações culturais provenientes das favelas como o hip-hop (sobretudo o rap, graffiti e as danças urbanas) e o funk ganharam espaços na mídia, no mercado da moda, na esfera cultural e em propagandas sociais e educativas, deixando de ser expressões exclusivamente das juventudes pobres (PIRES, 2019, p. 165).

A partir dessa discussão, percebe-se que o pixo possui diversas dinâmicas a serem analisadas, indo desde a forma pela qual se estabelece a comunicação por meio de uma linguagem difícil de ser interpretada, indo até a consideração do recorte de classe, raça e gênero.A realização dessa interpretação, permite que o fenômeno estudado seja possível de seranalisado por meio da Geografia na medida em que esses atores possuem atuação no campo material que reflete nas mudanças ocorridas no campo social e político. Em vista de serem pessoas vinculadas a uma cultura historicamente marginalizada por expor comportamentos antihegemônicos, aqui falando mais especificamente da pixação, verifica-se a linguagem se compondo de elementos também contra hegemônicos que ao passo que se alinha a uma cultura, divergindo da sociedade em suas formas de comunicação e reivindicação dos espaços, constitui uma atuação essencialmente política. Em vista dessa reivindicação pelo reforço da cultura e por espaços na cidade, a pixação se constitui materialmente num campo político, tal como aponta Pires (2019):

> O que diferencia a pixação das escritas anteriores é o fato de ela não ser somente umrecurso utilizado por um grupo ou outro em contendas políticas. O fundamental, o elemento central, é a existência de um grupo que, longe de ser homogêneo, organiza-se em torno dela e faz da sua execução e de sua estética, em si, um posicionamento político (PIRES, 2019, p. 167).

Ao considerar os elementos que constituem a pixação e o graffiti como expressão da subjetividade e da identidade dos sujeitos, esta análise permite situar a prática num movimentocontra hegemônico que encontra motivações de ordem social para subverter os espaços da cidade, indo numa direção contrária aos comportamentos considerados adequados

pela sociedade e pela Lei. À luz de construir um debate acerca de como a pixação e o graffiti, tal como a pichação da época ditatorial, pode ser uma ferramenta de denúncia das mazelas sociais,evidencia que esse meio de comunicação procura encontrar na cidade o suporte para expor a resistência de uma sociedade que não se entrega às imposições do sistema capitalista, que coage a existência dos sujeitos na cidade somente enquanto classe trabalhadora (CARLOS, 2014). Essa evidencia pode ser visualizada a partir da entrevista abaixo:

> Tipo, é uma bolha mano, pixação é uma bolha também. É um pessoal que tipo, não aceita o sistema, tá ligado? Não aceita o sistema que a gente vive, é tipo um bagulho de você não querer viver normal. Assim, eu pelo menos, não quero viver normal num mundo que tá acabando, tá ligado? (Entrevistado 3, 18/09/2024).

A interpretação desse modo de existir na cidade, entretanto, evidencia uma contradição de modo que é impossível sobreviver na cidade somente como pixador, fazendo com que asconcessões ao sistema sejam uma prática cotidiana, podendo aproximar aos apontamentos de Pires (2019)

> A pixação faz da rua o lugar de lazer, atribuindo-lhe outros usos que não o da circulação de mercadorias e da mão-de-obra: o pixador nega o tempo do capital. Avesso à convenção, para o pixador a noite não é para o descanso, é para a insurgência de uma nova identidade. Tal identidade não é a do trabalhador – insuficiente ao praticante do pixo – mas também o é, pois o pixador desenvolve esse papel social para também garantir a tinta com a qual marca a cidade, abrindo fissuras na temporalidade da urbe e criando novas maneiras de vivenciá-las (PIRES, 2019, p. 169).

O que se evidencia nessa prática, são as contantes tentativas de criminalizar a pixação ao passo que reforça o graffiti enquanto cultura e arte urbana, como se somente essa expressão fosse dotada de intenções ou signos moralmente adequados. É correto afirmar que o pixo é umaextensão do movimento hip-hop que se alinha aos graffitis, assim como é possível observar a atuação de um mesmo sujeito realizando os dois tipos de expressão na cidade (PEREIRA, 2005). Esse fator de análise, implica em considerar ambas expressões como meios de transgressão à utilização da cidade, tal como aponta a seguir: “Essa iniciativa contraditória confronta o graffiti artístico como uma manifestação ‘bonitinha e decorativa’ à pichação que ‘sujava a cidade’. Essa posição confusa esquece que as duas formas são essencialmente transgressoras” (PEREIRA, 2005, p. 18 *apud* COSTA, 1994, p. 96).

A estratégia em conceder o direito a expressão do graffiti é entendida como uma tentativa de regular o comportamento e atuação dos pixadores na cidade (TABORDA &BERNARDES, 2018), pois a partir da criação de uma conduta regimentada acredita-se na nãosubversão do espaço. Esse cenário pode ser observado a partir da sanção

do Projeto de Lei nº24/2020 no ano de 2024 que reconhece as expressões artísticas da charge, caricatura, cartum egrafite como manifestações da cultura brasileira. No 2º artigo da Lei, o governo considera ografite "uma expressão da arte urbana em forma de desenho e escrituras em que o artista criauma **linguagem intencional** para interferir na cidade, com o aproveitamento de espaços públicos, como paredes, muros, fachadas, viadutos e ruas" (BRASIL, 2024, p. 2, grifo nosso).

Novamente, a tentativa de tornar o graffite uma solução para a pixação aparece nesse projeto sancionado pelo governo federal. Em relação a essa regulação da inscrição que possui reverberações no comportamento, Taborda e Bernardes (2018, p. 44) acrescentam: "Aqueles que se submetem, que pedem autorização, que valorizam o patrimônio, terão como recompensa nada menos que o *status* de artista, poderão pleitear editais, em suma, poderão tornar-se empreendedores de si". O que os autores evidenciam a partir da análise desse tipo de legalização é tornar a o graffiti, que possui suas origens na subversão do espaço, em uma arte urbana comercializável em função do seu poder mercadológico para valorização dos espaços.

O distanciamento institucional do graffiti com suas origens, reforça a necessidade do governo em transformar essa expressão como solução da pixação, acreditando que quem faz graffiti não faz "vandalismo", pois encontra a oportunidade de se encontrar numa profissão e contribuir para o embelezamento da cidade por meio de uma linguagem intencional. Abaixo, a figura 20 mostra um tipo de pixação realizada no centro da cidade novamente com a intenção de se espacializar em lugares onde há maior circulação e possibilidade de ser visto.

Figura 20: Pixação na rodoviária central.

Fonte: Autora, 2024.

As estratégias presentes nesse contexto político apontam para a pixação como um movimento que precisa ser regulado pelo Estado, pelo fato de ser uma prática que exige a apropriação dos espaços não autorizados, portanto, os sujeitos são tratados como criminosos e que precisam de medidas de coação do poder público e militarizado. Por meio de políticas públicas e supostas concessões, tomam para si a responsabilidade de legalizar o movimento e estabeleceruma suposta garantia de que a pixação irá desaparecer. Esse jogo de interesses mobilizado pelo governo, junto à possibilidade dos sujeitos se expressarem legalmente e possivelmente se sustentarem a partir da venda da arte, condiciona a aproximação destes com a ideologia que osregula, contradizendo, por vezes, as verdadeiras origens do movimento, fazendo com que o sujeito passe por um “profundo processo de higienização” (TABORDA & BERNARDES, 2018, p. 44).

Entretanto, não se pode rejeitar os avanços que esse tipo de projeto de Lei representa para a comunidade que procura ampliar os conceitos de arte urbana, principalmente do graffiti,enquanto obra de pessoas críticas que por meio de desenhos na cidade procuram destacar e criticar a conjuntura espacial, contribuindo para a reflexão da sociedade que interage de formapositiva com esse tipo de inscrição na cidade. Do mesmo modo, é possível afirmar que o graffiti por se composto de uma estética mais elaborada com a combinação de cores, sombras e símbolos,é produtora de uma paisagem mais aceita e que dialoga com a sociedade a partir dessa linguagem que conduz a percepção de uma potencialidade em relação

a valorização dos espaços. Abaixo na figura 21 um graffiti no muro de uma escola evidencia o que foi discutido:

Figura 21: Graffiti em muro da escola.

Fonte: Autora, 2024.

6. A PIXAÇÃO E O GRAFFITI NA REIVINDICAÇÃO DA CIDADE

Partindo da concepção de que a pixação e o graffiti são expressões que sintetizam a identidade do sujeito e igualmente possuem uma intencionalidade, a ocupação ilegal de espaçospúblicos e privados, compreende-se a escrita na cidade como uma linguagem que se encontra num embate de forças entre os sujeitos que, contra a utilização do espaço hegemônico, revoltam-se por meio das inscrições. Numa perspectiva contrária e que busca regular a prática, encontra-se o Estado que sustenta e perpetua a lógica capitalista. Como meios de transgredir aordem dominante, encontra-se a pixação e o graffiti se espacializando na cidade na intenção de combater e denunciar a imposição das orientações de como se deve viver na cidade. Buscando verificar como essa expressão participa da subjetividade dos sujeitos que se propõem a experienciar uma prática socioespacial que vai na contramão de uma conduta ideal, a Entrevistada 1 reforça como ocorre a identificação do sujeito com a escrita:

> Então você cria, tipo, você não cria né porque já faz parte de você de certa forma, mas você consegue dar uma identidade de uma parte sua, de você, que no caso pra mim, éa minha parte mais rebelde, tá ligado? De você ter a coragem de ir lá, de tipo, submetervocê a ser presa, por que é isso. Essa rebeldia que eu não consigo me expressar, por exemplo, no meu dia a dia normal que eu tenho que levantar e trabalhar. Tipo, a Risadinha é eu, mas ainda assim é como se nessa parte você

> conseguisse dividir. E aívocê cria essa identidade para essa pessoa que precisa dessa revolução de outras formas (Entrevistada 1, 12/09/2024).

Conforme os sujeitos se reconhecem nessa assinatura elaborada por eles mesmos, verifica-se que envoltos numa cultura, as intencionalidades pelas quais os sujeitos pixam as cidades não são generalizadas, havendo diferentes motivos entre a comunidade. Portanto, existem aqueles que não refletem sobre sua prática social e desejam apenas ser vistos, ou aqueles que só fazem pelo ato de vandalismo e pela adrenalina de ocupar um espaço de modo ilegal. Entretanto, por meio das entrevistas realizadas com os sujeitos que atuam em Alfenas, nota-se um consenso entre os propósitos das pixações que se encontram na perspectiva de reivindicaçãodos espaços por meio da escrita ilegal. Junto a isso, a pixação em Alfenas aparece como meio de denunciar a estrutura social que se fundamenta na desigualdade e em problemas políticos locais.

Ao contrário das ações políticas que enquadram a pixação como uma escrita sem intencionalidade, a percepção dos sujeitos sobre a realidade se mostra acima dessa concepção. Nesse sentido, a compreensão da realidade se mostra como um dos fatores para a realização dopixo, que procura romper com a ordem vigente na sociedade, motivada pela lógica capitalista que produz e perpetua a desigualdade, o parcelamento do solo urbano, a concentração de renda e a dominação dos espaços centrais pela elite conservadora. A fissura que se evidencia, se mostra como o espaço ideal para a atuação dos pixadores que confrontam a organização espacial segregada.

> E eu sempre, tipo assim, se estou no ônibus, se estou andando, você tem a noção da cidade, ‘estou em Alfenas’, eu pelo menos tenho essa noção. Mas você não se sente ali, tá ligado? Porque nada é seu, você olha e vê que cada espaço é de alguém, nada éseu. E eu nunca tive nada, tá ligado? A casa que meus pais têm é deles, eu não tinha o direito de fazer o que quiser, nem desenhar nas minhas paredes. Imagina você desenhando só no papel e não poder desenhar na parede do quarto? Tá louco, injuriante. E aí essa ideia de fazer, no caso pixar, veio dessa apropriação, por mais que aquele terreno não seja meu, aquele espaço na parede, naquele momento, mesmo que dure dois dias, é meu, tá ligado? (Entrevistada 1, 12/09/2024).

A necessidade de ocupar espaços onde não é permitido, se mostra enquanto possibilidade de tomar para si um fragmento da cidade, no caso muros, postes e demais estruturas urbanas que são de domínio alheio. A escrita quando exposta nos muros remete aos pixadores uma forma de possuir determinado espaço, permitindo que o sujeito se reconheça naquele espaço a partir do ato de grafar sua identidade num espaço não permitido, configurando na essência, uma ação política e transgressora (PIRES, 2019).

Reforçando como a pixação em Alfenas segue o propósito de denunciar como a cidade

está à mercê da dinâmica capitalista, utiliza-se a fala do Entrevistado 2 que expõe a contradição da pixação como reivindicação social e o fato de ser considerado crime. “Porque pixação é crime ambiental, mas a cidade em si já é um crime ambiental, tá ligado? Então nóis vai pixar essa porra memo, é um protesto mano, marcha.” (Entrevistado 2, 18/09/2024).

Quando perguntado ao entrevistado sobre como ele lida com o pixo ser crime e ele realizar tal ato, responde:

> Ah, acho que se não fosse [crime] eu não pixava. E também não tem como a pixação deixar de ser crime, né mano. O bagulho é que você vai e arregaça a propriedade privada, tá ligado, ou uma propriedade pública. Mas as vezes é aquela bosta, você tá incomodado com o bagulho, os cara vai e fosca, foda-se. E é isso mano, por mais que seja crime, crime é o que os cara faz, tá ligado? Oxe, pixação é crime ambiental, rapaz? E a lama de Mariana, tá ligado? Vai se foder, tudo aí crime ambiental, entendeu? Se foda. É uma contradição né, pixação ser crime ambiental, os caras mete o louco. Não me abala ser crime não, até gosto. (Entrevistado 2, 18/09/2024).

Considerando a pixação como uma linguagem restrita a um grupo de pessoas que necessita da subversão dos espaços para sua realização, verifica-se a necessidade da utilização de uma assinatura que não permita a identificação do sujeito pela sociedade. Nesse sentido, foi verificado que há uma pluralidade de assinaturas em Alfenas, que expõe diferentes estilos de letras, elementos simbólicos e cores. No ano de 2024, foi possível verificar que além das pixações, houve o aumento das pichações que contestam políticos locais e a falta de acessibilidade de moradia na cidade.

De acordo com Lassala (2017), a dificuldade de compreender e classificar as escritas urbanas advém do fato delas não se apresentarem separadamente na cidade, “nas ruas, as intervenções são aleatórias e anárquicas, formando um mosaico de informações que pode ser imprevisível e efêmero” (Ibid., 2017, p. 70). Acerca dessa pluralidade e da quantidade de escritas na cidade, o autor denomina como Miscelânea o conjunto diverso dos tipos de inscrições que podem aparecer nas estruturas urbanas.

Figura 22: Pixações da praça Fausto Monteiro.

Fonte: Autora, 2024.

Figura 23: Miscelânea de pixações e pichações numa casa abaondonada no centro.

Fonte: Autora, 2024.

Figura 24: Estrutura em homenagem ao Prof. Leão de Faria pixada.

Fonte: Autora, 2024.

A partir da estrutura morfológica de Alfenas que vem se alterando ao longo dos anos a partir do aumento de condomínios no Jardim Aeroporto e Santa Clara, novos empreendimentos participando da dinâmica econômica, e uma formação complexa que a periferia possui atualmente, a cidade passa a evidenciar a participação de diversos agentes sociais na produção do espaço (BRANQUINHO, 2021). A atual conjuntura da cidade, nesse sentido, evidencia disparidades sociais que no que tange o acesso à moradia, lazer e cultura, privilegiando aqueles que podem pagar para consumir determinados espaços.

Por meio do trabalho de campo, as observações cotidianas na cidade e com auxílio do mapa online onde se inseriu as fotos dos pixos e graffitis em Alfenas, verificou-se empiricamente que no centro há mais pixação e nos bairros periféricos os graffitis. Entretanto, essa relação não é estática, haja visto que as inscrições podem ser realizadas em qualquer lugar alterando a paisagem do espaço, assim como as que já existem podem ser apagadas e alterar a dinâmica que se evidencia.

Considerando as variáveis que participam dessa suposição e que foram confirmadas por um dos entrevistados, verifica-se que pela pixação ser uma escrita que pode ser realizada rapidamente com auxílio do spray, as escritas dessa natureza predominam na região central pelo fato de haver maior circulação e vigilância, exigindo que o pixador tenha uma agilidade

para realizar as escritas nessa região da cidade. Além disso, é difícil encontrar algum lugar no centro que permita o sujeito se dedicar à realização do graffiti durante horas, em vista de ser uma arte que exige a combinação de cores e técnicas e a autorização do proprietário para que o graffiteiro possa elaborar sua arte.

Em relação ao graffiti, verifica-se que sua predominância nos bairros periféricos decorre da promoção de eventos culturais do hip-hop nessas regiões da cidade que permitem a dedicação do pixador/graffiteiro por horas. Além disso, é possível a realização do graffiti nesses e outros espaços periféricos da cidade como casas abandonadas, muros de terrenos baldios, pelo fato da vigilância ser menos intensa e não ter tanta circulação, permitindo que exista uma dedicação maior nesses espaços.

A contradição que se chama atenção nesse sentido, é o duplo significado que a sociedade projeta sobre o graffiti, quem realiza e o espaço que ocupa. Em Alfenas é comum a utilização dos graffitis como meio de valorização dos espaços de consumo e lazer, entretanto, como destacado anteriormente, não há muito a diferenciação entre pixadores e graffiteiros quando se verifica na cidade os diversos tipos de artes realizadas, sendo muitas vezes realizados pelo mesmo autor. Sendo assim, os espaços onde os graffitis são feitos com a função de valorizar/enfeitar os estabelecimentos são chamados de pintura artística ou comercial, e possuem um prestígio maior em relação àqueles realizados nos espaços públicos de circulação coletiva.

Ressalta-se, entretanto, que o sujeito quando se propõe a realizar um trabalho remunerado por meio do graffiti comercial há de se ter a autorização do proprietário e realizar os alinhamentos com a prosposta da arte. Nesse sentido, as pinturas quando realizadas nos estabelecimentos possuem uma diversidade de desenhos, combinação de outros materiais e cores, buscando alcançar o que foi previamente combinado. Entretanto, o graffiti quando realizado na rua de forma independente ocorre sistematicamente a partir da assinatura/tag do graffiteiro, o que por vezes, é descredibilizado pela sociedade em função das formas não comunicarem explicitamente o propósito da grafia, que significa a identidade pela qual o sujeito se identifica e marca o espaço.

Porém, ainda assim os graffitis realizados na região central são uma forma do graffiteiro conseguir com que sua arte permaneça por um tempo maior no espaço público do que em comparação com a pixação. Essa relação evidencia que o graffiteiro tenha que articular e dominar técnicas de acordo com o lugar e o propósito de onde será realizado a arte. Abaixo, as figuras 25 e 26 mostram dois tipos de graffitis diferentes, o primeiro realizado num estabelecimento e o segundo no muro de uma escola.

Figura 25: Pintura artística comercial em lanchonete.

Fonte: Minero, 2023.

Figura 26: Graffiti em muro de escola.

Fonte: Autora, 2024.

Um fragmento da fala do entrevistado 3 evidencia como essa relação se dá no espaço por meio das diferentes técnicas realizadas na pintura do graffiti essencialmente comercial e as diferenças dos graffitis realizados na rua de forma independente.

> Realmente mano acho que é isso, a gente faz no centro, faz em certos locais pela questão de querer manter mesmo o trabalho. No caso quando é um graffiti comercial, você ta se mantendo ali, ta fazendo algo pra se manter e normalmente as pessoas não querem com a pegada de graffiti, eles querem uma pintura artística ali, é onde entra essa diferença de graffiti e pintura artística. Hoje em dia o graffiteiro roubou o trabalho do letrista antigamente né vei, então hoje em dia o graffiteiro ele por ter todas essas técnicas, saber desenhar, porque só porque você faz graffiti eles acham que você sabe desenhar. Então meio que ele ocupou o lugar do letrista na cidade, que antigamente o letrista que fazia os comércios, faziam essas pinturas comercial. Acho que é essencial a gente mostrar essa diferenciação, e as vezes mostrar que o graffiteiro não perde a essência dele por estar fazendo um graffiti comercial, mais por uma questão de se manter ali né vei, questão econômica, financeira e pa (Entrevistado 3, 19/09/2024).

Em relação ao fato de no centro haver uma predominância da pixação em relação aos graffitis, a entrevistada 4 contribui ao relatar sua percepção.

> No centro pelo menos o que eu vejo é mais pixação. Na periferia é mais colorido porque é um lugar totalmente esquecido, vamos dizer assim, e aí tipo, quando a gente vai fazer nesse tipo de ambiente, na periferia, é pra trazer cor, trazer vida, sabe? Por exemplo, no evento A luz da rua que foi a Livia que fez, foi num ambiente precário, era perto da polícia, então tipo assim, tem umas casas que você vê que é totalmente precário, e ai a gente foi lá e fez. Eu fiz o meu persona numa casa que era precarizada, sabe? Querendo ou não, traz uma cor. Agora eu sinto que no centro é mais pra fazer um protesto, sabe? Um protesto político mesmo. E tipo assim, é pra acabar com essa merda de burguesia, sabe? De gente chata, que se acha o mais mais. O poder aquisitivo quando sobre pra cabeça, o burguês safado acha que qualquer pessoa tenha que se submeter a ele e aquilo ali. Eu vejo muito isso no meu trampo, falo assim do trampo onde to trabalhando. Tem pessoa que só por ter um poder aquisitivo maior, acha que a gente ta ali pra servir e é isso, vei. Sendo que não é assim, eu to ali pra fazer meu trabalho, você me deve educação e eu te devo educação, e é isso. Aí isso se aplica um pouco, um pouco não, pra caralho no ambiente de rua. Eu vejo isso. E é pesado mano, pensar nisso, porque é triste (Entrevistada 4, 21/11/2024).

Por meio da construção de um mapa online na plataforma Google My Maps foi possível identificar que as pixações se apresentam com grande quantidade principalmente na zona central e pericentral, tal como propõe essa morfologia pelos estudos de Amorim Filho e Sena Filho (2007). De acordo com os autores, a dinâmica presente no centro em função da presença de comércios, da circulação de pessoas, movimentação do capital, estabelece uma centralidade a partir da concentração dessas funções no centro. Já na zona pericentral onde a continuidade do centro se evidencia a partir da função residencial, é onde pode-se observar a

presença de casarões antigos, estações ferroviárias e expresso como uma zona de transição, de forma que é possível a co-existência da função residencial acompanhada de outros equipamentos urbanos (AMORIM FILHO & SENA FILHO, 2007).

Como meio de selecionar as inscrições que possuem características de pixações, seguiu-se os critérios da escrita ser realizada com uma única cor, ser a síntese de uma identidade coletiva e/ou individual transformada em assinatura, pela repetição que se verifica na cidade e por ser realizada em espaços não permitidos. Além disso, é possível verificar que uma inscrição se constitui como pixação pelo material utilizado na escrita, podendo ser desde spray até rolos de espuma. Notou-se também que há escritas realizadas com canetões, porém essas são menos perceptíveis e em menor quantidade por depender de estruturas mais lisas e serem de menor alcance visual, o que se não se apresenta como dificuldade para os spray's ou rolinhos que podem alcançar dimensões mais amplas da estrutura.

Já na zona periférica, onde a entrevistada aponta haver uma maior predominância de graffitis, podem ser vistos a partir do exemplo do bairro Pinheirinho e Santa Clara. Amorim Filho e Sena Filho (2007) afirmam que nessa região predomina a função residencial pelos imóveis coletivos, casas individuais e que por vezes apresentam uma precariedade quanto à autoconstrução. A concentração da população mais pobre nessas localidades é justificada a partir do auto custo de aluguel na região central, que passou a concentrar as atividades comerciais pela centralidade. Além disso, os autores ressaltam que nessas localidades periféricas apareceu grandes empreendimentos comerciais como hipermercados, campus universitário, espaços de lazer e com isso, novas oportunidades de serviço a partir da demanda dessas instalações.

A participação da propaganda nos espaços onde se prevalece a função da troca é parte elementar das expressões simbólicas presentes na cidade que por meio dos outdoor's, panfletos e fachadas de loja, induzem ao consumo por meio da divulgação de ofertas e amplas possibilidades de compra. Dessa forma, a experiência do sujeito na cidade acaba por reduzir sua prática ao consumo e a realização individual na obtenção de mercadorias influenciadas pela cultura de massa (CARLOS, 2014) e, em certa medida, pela divulgação excessiva de determinados produtos.

Em Alfenas, verifica-se uma grande quantidade de outdoor's participando da paisagem citadina, bem como um centro comercial consolidado expondo diversas técnicas de propaganda que induzem ao consumo de bens materiais. Em contrapartida a essa massificação da propaganda e como meio de confrontar essa paisagem produzida essencialmente em função da reprodução do capital, encontra-se a pixação exercendo uma

contestação simbólica acerca da presença dessas estruturas, expondo que o sujeito como interventor do espaço por meio de sua identidade tem como premissa a necessidade de ser visto e, portanto, a impetuosidade em confrontar essa paisagem.

Figura 27: Pixação em confronto por visibilidade com outdoor.

Fonte: Autora, 2024.

A partir da discussão realizada anteriormente sobre os diferentes processos de ocupação nos bairros da cidade, a posição dos objetos econômicos e a organização da zona central e periférica mediada pela relação público-privada permeando as ações políticas, conferem à organização urbana características de uma cidade segregada (AZEVEDO, 2021). As relações presentes na área central e periférica, nesse sentido, possuem dinâmicas diferenciadas quando se analisa as variáveis citadas, atribuindo determinadas funções às diferentes regiões da cidade. Enquanto no centro houve a concentração dos espaços de decisão podendo ser verificada pela presença do comércio, dos setores de gestão municipal, a zona Oeste foi ocupada pela população mais pobre.

De acordo com Branquinho (2023), o espaço entre a zona central e oeste possibilitou com que a especulação imobiliária encontrasse oportunidade para expandir seus negócios, aumentando as diferenças espaciais na cidade por meio do parcelamento excessivo do solo pela presença desses novos empreendimentos imobiliários. Vale destacar que o Estado concedendo sua função de planejar e gestar o espaço à iniciativa privada, configura-o “como

administrador dos interesses público *versus* privados sob a ótica financista do processo, transformando o espaço urbano em operações financeiras, cuja conformação do espaço não tem planejamento urbano prévio e subjugando o Estado a expectador da ação privada" (AZEVEDO, 2021). Por esse viés, os processos de evolução e ocupação da cidade por determinados agentes sociais evidenciam a mercantilização do solo e sua potencialidade para a oferta de lucro das imobiliárias.

Por meio da realidade que se apresenta em Alfenas e das dinâmicas atuais de ocupação e uso do solo urbano, verificou-se o aumento da ação imobiliária nos arredores da Unidade Santa Clara com sua instalação em 2010 no bairro. Em vista do aumento dos cursos de graduação da UNIFAL-MG em Alfenas, a cidade passou a ser cada vez mais atrativa para o estabelecimento de novos estudantes, fato que se mostrou atrativo para a abertura de novos loteamentos pelo poder privado. Esse aumento dos estudantes pode ser verificado também pela expansão dos novos empreendimentos comerciais que se diversificaram para atender essa população e os moradores antigos do bairro.

Com a crescente presença do setor imobiliário nos arredores da Unidade Santa Clara reorganizando novos modos de se habitar, verifica-se também a presença da pixação como linguagem identitária participando dessa paisagem e confrontando a presença desses empreendimentos na cidade. A figura 28 abaixo é um exemplo de como a pixação se projeta como meio de contestação dessa organização espacial e competidora dos espaços presentes na cidade.

Figura 28: Pixação em placa de negócios imobiliários.

Fonte: Autora, 2024.

Essa relação pode ser verificada também no centro onde há grande quantidade de outdoor's com propagandas imobiliárias e pixações, evidenciando o embate da publicidade com a pixação sendo formas distintas de expressões com conotações e finalidades opostas. A competição presente na paisagem, portanto, evidencia duas formas diferentes de se apreender o espaço, sendo a participação do outdoor publicizando a construção de novos loteramentos num ponto nobre da cidade, mostra a participação efetiva das imobiliárias intensificando o parcelamento do solo onde as classes dominantes em função do poder aquisitivo podem acessar. Nesse meio, a pixação como linguagem identitária se projeta na cidade como reivindicadora dos espaços centrais numa prática socioespacial criminalizada pelo fato de subverter as estruturas urbanas. Ao passo que esse embate é exposto na cidade não há dúvidas de que os empreendimentos imobiliários sobrepõem o poder, entretanto, a presença da pixação expõe as contradições no processo de apropriação e produção do espaço.

Essa competição evidencia ainda a manutenção das estruturas privadas no poder de reconfigurar o espaço em vista das imobiliárias possuírem o aval do poder público no processo de parcelamento do solo. Por meio dessa constatação, retoma-se as contribuições oferecidas por Carlos (2018) que ressalta

> No capitalismo, a produção expande-se espacial e socialmente (no sentido que penetra toda sociedade), incorporando todas as atividades do homem e redefinindo-se sob a lógica do processo de valorização do capital – o espaço tornado mercadoria sob a lógica do capital fez com que o uso (acesso necessário à realização da vida) fosse redefinido pelo valor de troca. A produção do espaço se insere na lógica da produção capitalista que transforma toda a produção em mercadoria. Uma nova contradição fundamenta a produção do espaço nesse período da história: essa produção, como definidora da sociedade, realiza-se socialmente – criação da totalidade da sociedade – mas sua apropriação é privada, isto é, o acesso aos lugares de realização da vida, produzidos socialmente, realiza-se, dominantemente, pela mediação do mercado imobiliário, fazendo vigorar a lógica do valor de troca sobre o valor de uso (CARLOS, 2018, p. 60)

Assumindo essas relações no processo de reprodução humana sobre a lógica do capitalismo e, portanto, da reprodução do espaço como mercadoria, evidencia-se a participação da pixação e do graffiti na reivindicação da cidade e pela prevalência das práticas sociais ressaltando o valor de uso. Nesse ínterim, não exclui portanto as contradições que participam dessa ação social, mas que são complementares para o entendimento da pixação como linguagem identitária, pertencente a uma cultura e como meio de reivindicação social. A figura 29 abaixo se refere a uma publicidade no centro onde foi possível verificar com mais intensidade os fenômenos citados acima.

Figura 29: Outdoor e pixação em confronto da paisagem.

Fonte: Autora, 2024.

6.1 Singularidades das escritas urbanas em Alfenas

Considerando que as escritas urbanas possuem singularidades de acordo com o local onde é realizado, carregando características do processo de evolução urbana e das relações sociais presentes nas cidades, Alfenas por ser classificada no porte de cidade média mobiliza ações do poder público e da sociedade que podem ser visualizadas nas inscrições urbanas, alterando a predominância de um tipo de expressão em pontos diferentes da cidade, bem como das motivações individuais presentes no ato de grafar a cidade.

Por meio da realização das entrevistas, dos trabalhos de campo e observação empírica, foi possível verificar que está havendo uma transição lenta, porém significativa quando pretende-se atentar para as escritas na cidade, da grande presença de graffitis e grapixos nas estruturas da cidade. Quando perguntado ao entrevistado 2 sobre a regularidade em que realiza as escritas, é possível verificar que pelo fato de Alfenas ser uma cidade média e portanto, as relações de pessoalidade serem relativamente próximas, há uma preferência para realizar os graffitis em vista dessa expressão ter uma durabilidade maior no espaço e ser menos criminalizada pelo poder público e privado.

Essa dinâmica que pode ser vista na cidade quando se tem um olhar sensível para essa expressão também pode ser confirmada pelas contribuições dos entrevistados, que consideram esses aspectos sociais e urbanos para grafar a cidade. Entretanto, essa relação não é estática, nem mesmo determinante ao propor a construção de uma síntese que pretende caracterizar e vislumbrar os conflitos das escritas urbanas e os agentes sociais. Por meio da entrevista abaixo é possível verificar essa análise:

> Ultimamente eu to pá, bem parado assim mesmo, porque cidade pequena pra mim é outra coisa, sabe? Cidade pequena e cidade grande é outra coisa. São Paulo eu pixava todo dia, tá ligado? Todo dia eu vou fazer pelo menos três, quatro pixos. Aqui eu faço pelo menos três, quatro por mês assim, entendeu? Tipo, aqui você não é uma pessoa anônima, se o cara quiser falar, reclamar, tá ligado? Foda-se, mano, marcha, mas já aconteceu. Mas é pelo fato de não ser anônimo, é sujeito a dar vários b.o. Tipo o cara conta um pro outro, aí um pro outro, até chegar no cara que não podia saber tá ligado? É polícia, é zé povinho, ta ligado? É político, aí é b.o. Tipo, é foda mano, agora eu tava querendo focar mais no bagulho do graffiti, aqui pelo menos em Alfenas, em São Paulo quando eu vou atiça a vontade de pixar aqui de novo (Entrevistado 2, 18/09/2024).

A entrevista permite que a análise seja realizada tanto pelo fato de Alfenas apresentar características de cidade média onde as relações sociais ainda é marcada pela pessoalidade, sendo esse fator determinante para que a atuação do sujeito seja aos poucos restringida pelo alto nível de risco que o sujeito está condicionado as normas da cidade. Outra evidência que decorre dessa consideração, é a preferência para a realização do graffiti em vista dessa expressão ser mais aceita e oferecer menos risco ao sujeito. Portanto, as expressões urbanas presentes na cidade permite que se realize uma comparação das escalas de centros urbanos maiores como São Paulo e Alfenas na condição de porte médio.

Por esse viés, as escritas urbanas possuem uma diferenciação no que tange a prática do sujeito como interventor do espaço, que alterna as práticas de acordo com o porte de cidade onde é realizado a escrita, levando em consideração as dinâmicas sociais de anonimato ou não, perfazendo suas condutas de acordo com os aspectos e relações da estrutura intraurbana (FILARDO, 2015).

Outra característica que foi possível identificar por meio das entrevistas é a construção do codinome do sujeito que resgata a identidade dos modos de vida presentes em Alfenas. Como discutido anteriormente, a relação rural-urbano ainda é muito presente na cidade, fazendo com que algumas assinaturas sejam elaboradas por essa interação espacial. Uma análise que procura estabelecer um paralelo entre as reivindicações de origem urbana, tal como o pixo e o graffiti, e as singularidades da presença dessas grafias numa cidade de porte médio onde as relações com o rural permanece, verificou-se que entre um dos entrevistados

a assinatura que corresponde a sua identidade pessoal é decorrência das relações com o âmbito rural, podendo ser vista abaixo:

> Eu comecei a estudar mais sobre essa questão do hip-hop, sobre a história, e comecei a entender que eu precisava ter uma identidade do lugar onde eu vivo, ta ligado? Tipo, eu escrevia Broa, Kabum, mas o que isso vai trazer para a sociedade onde eu vivo? O que isso vai refletir pra eles? Aí eu comecei a ver que em Alfenas, desde a época que tinha no Coliseu, tinha muito uma com "Dais" o "DJO", até aqueles graffitis que tem ali na Unifal no palquinho, e eles sempre carregaram essa ideia do ZR, da Zona Rural. Aí ali acendeu uma lâmpada na minha cabeça, falei carai mano, nasci no Barranco Alto na zona rural, vim parar em Alfenas. Tipo assim, outra margem da cidade, que é da zona rural, aí o que eu vou fazer com isso? Aí foi onde veio o nome Minero. E tipo assim, eu nunca falei muito certo, né? Sempre desde muito moleque, os caras sempre falavam "mas você fala muito igual da roça", tá ligado? Aí já sabia o que fazer, vou colocar Minero ao invés de Mineiro, que é o normal, né? Aí eu comecei a escrever Minero e pegou (Entrevistado 3, 19/09/2024).

Além disso, verificou-se também que as assinaturas são construídas por singularidades que buscam externalizar no codinome algumas características pessoais, tal como os traços de personalidade e subjetividades. Uma das contribuições que permitem contextualizar a origem das assinaturas é visto abaixo:

> O nome ele já vem pelo fato de eu ser conhecida por uma amiga e por ser uma pessoa engraçada e afins, sempre tratar no humor, mesmo que ácido, mas tratar no humor as críticas. E aí veio disso, o Risadinha, que aí me chamavam assim e ficou. E ai como eu fiz a tag, como fiz a estrutura do pixo, foi porque uma amiga minha é artista e ela me deu uma case com um rostinho. Aí na hora que eu tava fazendo, peguei a inspiração do rosto e juntei com a tag. Justamente para ter os olhos, essa era minha brisa. Sabe quando você ta vendo, mas também ta sendo olhado? Essa sensação, quero que todos tenham, toda vez que eu faço pego uma esquina, um lugar que todo mundo vai ter que olhar, parar e reconhecer. Sabe aquela brisa de que o cérebro humano sempre procura rostos nas coisas? Você dá um assim no meio da cidade, num lugar que você não espera nada? Eu adoro (Entrevistada 1, 12/09/2024).

Para além das construções das assinaturas que resgatam determinadas singularidades da identidade visual, foi possível se aprofundar nas questões que participam da perpetuação da cultura em Alfenas como uma motivação para a realização dos pixos e graffitis. Juntamente com essa necessidade que foi verificada, os entrevistados também ressaltam a necessidade de contribuir e aumentar a participação feminina na realização das pixações e dos graffitis. Uma das reivindicações vistas nessas entrevistas foi o fato de haver uma predominância no reconhecimento de alguns artistas, sobretudo do gênero masculino, no âmbito cultural da cidade, enquanto as pessoas do gênero feminino precisam reivindicar seus espaços com muitos entraves e disputas.

A entrevista abaixo procura elucidar melhor como ocorre essa relação na cidade:

> Pra além desse prazer do vício, da adrenalina, as vezes nem tanto da adrenalina porque ela passa, mas justamente por perpetuar a cultura, ta ligado? Porque se não for eu, as minas dessa cidade, quem vai representar as necessidades? Imagina daqui a 20 anos perguntam “E o graffiti em Alfenas? Só tinha uma pessoa lá?” Ta louco mano? Com tanta mina na cena e é sempre um cara que vai perpetuar isso? Realmente muito bom, serve na cultura, mas as meninas também tem que ter um espaço representado, ta ligado? A cidade também é nossa, como assim a gente não vai se expressar? (Entrevistada 1, 12/09/2024).

Por meio dessa entrevista foi possível verificar que os embates de gênero também perpassam a presença dos pixadores na cidade, exigindo que o recorte das pessoas do gênero feminino tenham que se impor a determinadas situações na tentativa de representar suas necessidades como coletivo em prol da cultura, da diversidade e representatividade feminina. Durante os trabalhos de campo foi possível verificar que nos espaços onde ocorrem os eventos culturais de hip-hop a presença de graffitis é bem diversa, fazendo com que a paisagem seja um reflexo dessa necessidade de perpetuar a presença da população feminina no espaço e em contextos onde predominam a presença masculina. Um exemplo pode ser verificado na imagem 30 abaixo:

Figura 30: Graffiti "RISA", quadra de esportes do Santa Clara.

Fonte: Autora, 2024.

Uma das características da pixação que podem ser verificadas em Alfenas é a alta concentração dessa expressão em determinadas áreas da cidade, como em praças e algumas estruturas ja abandonadas. De acordo com Lassala (2017) os lugares onde há um conjunto denso de pixações pode ser chamado de agenda, entretanto, as agendas nos grandes centros urbanos são vistas numa parede ou na extensão de um prédio. Já em Alfenas onde a escala é determinante para a análise da pixação na cidade, pode-se verificar que as agendas são localizadas em determinados espaços, como por exemplo a Praça Fausto Monteiro, conhecida popularmente como Pracinha da COPASA.

A praça Fausto Monteiro fica localizada na região central da cidade, a 650m da praça Getúlio Vargas, esta sendo a principal. Nas instalações da praça está a Companhia de Saneamento Básico de Minas Gerais (COPASA), sendo assim, ambas dividem a função de comportar a praça e a empresa de saneamento. Nos primeiros meses de 2024 verificou-se uma grande concentração de pixações nas estruturas da praça, como na arquibancada pública e nas paredes da COPASA. Entretanto, no mês de Abril o processo de cobertura das pixações se iniciou pelos funcionários da prefeitura que motivou a realização de uma conversa informal com os trabalhadores que cobriam as escritas.

Na tentativa de coletar algumas informações referentes do poder público e privado na mobilização para a realizar a cobertura dos pixos, os funcionários informaram que a empresa oferece as tintas para a cobertura enquanto os trabalhadores da prefeitura realizam a mão de obra. Na medida em que a conversa aconteceu, foi perguntado sobre a opinião de um deles sobre as pixação que vem crescendo no município:

> Esse aí é os vandalismos, o povo da rua que faz isso aí, sujam tudo. A bagunça é deles mesmo, aí depois a prefeitura manda arrumar, pintar, depois eles vêm e sujam de novo. Eles não tem o que fazer, às vezes pode ser mania, doença, não sei, acho que eles têm prazer. Vem aí de madrugada, às vezes é a própria pessoa que não gosta da prefeitura e vem pixar. Isso aí é raiva do prefeito, teve uma vez que nós pintamos ali, escreveram sobre ele e mandou a gente vir correndo pra pintar (Funcionário Público, 03/04/2024).

A imagem 31 e 32 abaixo mostra a concentração de pixações na praça que pode ser interpretado como uma espécie de agenda. O interesse dos pixadores por esses lugares onde há uma densidade de pixações é justamente pelo fato desses lugares serem atrativos em função da localização, da maior durabilidade da escrita nesses espaços e também pelo desejo de concentrar pixações num espaço.

Figura 31: Pixações da praça Fausto Monteiro sendo apagadas.

Fonte: Autora, 2024.

Figura 32: Pixações na arquibancada da praça Fausto Monteiro.

Fonte: Autora, 2024.

No ano de 2024 especialmente, verificou-se que as pixações estão assumindo espaços verticalizados como topos de prédios e fachadas extensas. Essa dinâmica que se vem se evidenciando no município de maneira pontual, altera visualmente a paisagem e as relações entre pixador e cidade, que passa a interagir com as estruturas urbanas para além de sua estatura física e começa a alcançar espaços por meio do auxílio de outros equipamentos. Além disso, o desejo por ocupar espaços de maior visibilidade ocorre na tentativa de se tornar conhecido criando ibope entre a comunidade de pixadores. Por meio das entrevistas notou-se que a necessidade de ocupar espaços de maior visibilidade é uma das premissas para a realização da pixação na cidade. A partir dessa consideração, foi perguntado como ocorre a escolha dos lugares onde será feito a pixação:

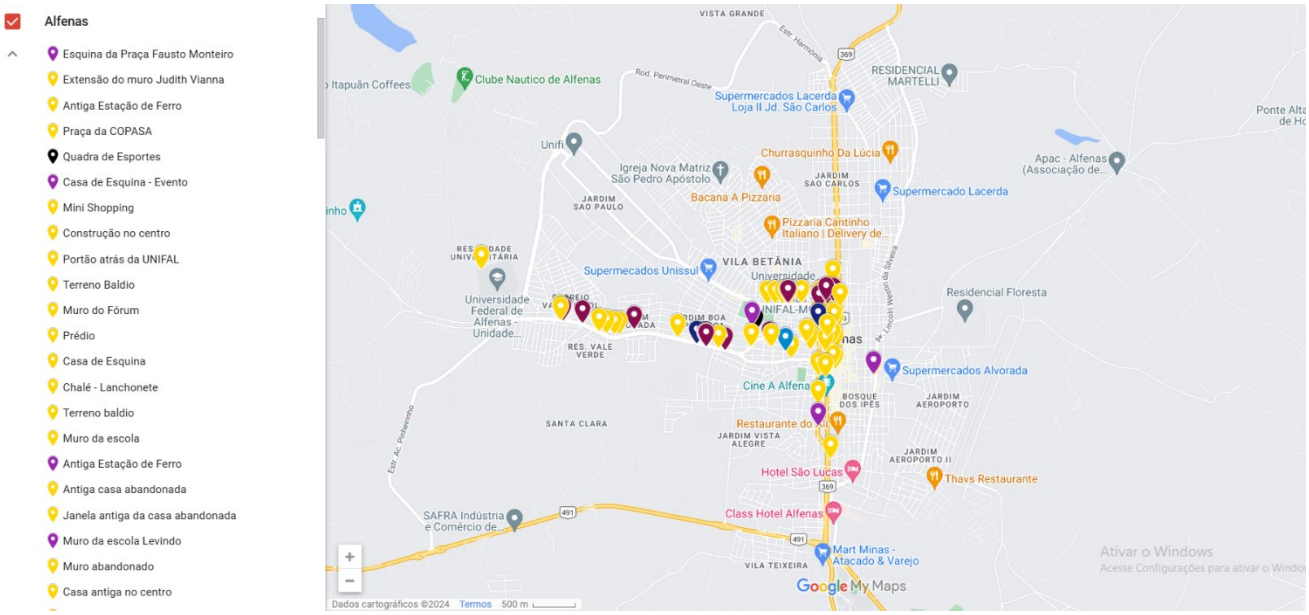
> Onde é mais tapa na cara, avenida, lugar alto, parede grande. Queria fazer na quadra de beach tênis que tem lá no Pinheirinho, tem uma parede imensa, to fragando ela desde que cheguei em Alfenas, só que é muita tinta que vai lá. Banco também é daora, cê é louco, escrevi "não existe dinheiro limpo" lá no banco do Sicredi do centro, tapa na cara. Eu tava com dois cabos de bambu e um rolo de 30, mano, os caras apagaram em dois dias, tá ligado? Eu gostei que os caras apagaram em dois dias, responsa mano, porque os caras realmente sentiu (Entrevistado 2, 18/09/2024.)

Figura 33: Pixação "Não existe dinheiro limpo" no banco Sicredi

Fonte: Instagram, 2024.

A partir da realidade que se apresenta em Alfenas e o cenário da pixação, realizou-se um mapa online na plataforma Google My Maps que procura espacializar a distribuição das escritas urbanas na malha urbana da cidade. Por meio dele também foi possível tirar algumas conclusões tais como a concentração de pixos na região central, e a distribuição dos graffitis pela periferia, fruto dos eventos de integração hip-hop mobilizadas pelos agentes sociais. Abaixo a imagem 34 procura evidenciar os resultados primários:

Figura 34: Espacialidade da pixação e do graffiti na malha urbana de Alfenas



Fonte: Elaboração própria, 2024.

A legenda ao lado está organizada conforme a cor correspondente ao tipo de expressão, sendo: amarelo as pixações, roxo os graffitis e preto grapixo. É importante ressaltar que pelo fato da pixação e o graffiti serem expressões efêmeras, nem sempre é possível retornar ao local onde foi realizada a escrita e encontrá-la.

7. CONCLUSÃO

Ao finalizar a presente pesquisa, foi possível verificar que a pixação e o graffiti participam ativamente das modificações da paisagem urbana de Alfenas como um protesto frente as desigualdades evidenciadas no município, bem como participam de um movimento envolvido numa coletividade que revelam a presença de uma classe que resiste aos modos de se viver na cidade impostos pela ideologia burguesa.

Por meio da realização das entrevistas os participantes puderem oferecer um espectro mais complexo ao qual a pixação se faz presente na cidade, bem como dos conflitos entre poder público e privado. Foi possível identificar também os conflitos de gênero que participam da realidade social e que não estão isentas dentro do movimento hip-hop e no segmento das escritas urbanas.

Verifica-se também que a pixação como uma forma transgressora de se viver na cidade mobiliza contradições nas perspectivas apresentadas, e que na maioria das vezes é subjugada seu poder de reflexão pelo fato de ser uma conduta criminalizada historicamente no Brasil. Nesse sentido, verifica-se um embate de forças que perpassam a sociedade de classe e reflete na necessidade dos sujeitos reivindicarem seu espaço na cidade e os esforços do poder público em prevalecer uma cidade organizada, supostamente isenta de vandalismo. Entretanto, o que se verifica na prática, é a pixação e o graffiti como uma prática de resistência frente à ideologia burguesa que orienta e condiciona os modos de se viver na cidade, sendo as escritas ilegais uma forma de subverter a ordem e se revelar enquanto potência de denunciar as desigualdades presentes na cidade.

8. REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; & ROCHA-LEÃO, O. M.; **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?**. Boletim Paulista De Geografia, (84), 51–68. 2017.

ALVES, F. D. **Mundialização da cafeicultura na região imediata de Alfenas-MG**. Caderno de Geografia, v.33, n.1, 2023.

AMARAL, D. F. L.; BRANQUINHO, E. S. **A tríade na produção do espaço urbano no bairro do Pinheirinho - ALFENAS/MG**. Revista Territorium Terram, p. 41-57, v. 06, número especial 1, 2023.

AMORIN FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia, 2º Ed., **Vieira**, 2007, 202p.

AZEVEDO, L. M.; BRANQUINHO, E. S. **O protagonismo do poder público na condominização residencial da cidade de Alfenas-MG**. Revista Franco-Brasileira de Geografia. Confins, 2021, n.50.

BRANQUINHO, E. S. (org). **A produção do espaço segregado em Alfenas-MG**. Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG. 2021.

BRANQUINHO, E. S.; MACHADO, N. P.; MINI, A. T.; **A relação centro-periferia e a formação de novas centralidades em Alfenas-MG.** Boletim Alfenense de Geografia. Alfenas, v.3, n.6, p. 134-158, 2023.

CAETANO, F. D. **Reflexões teóricas sobre a inserção do graffiti e da pichação na paisagem urbana: uma arte "contra-racional"?** Geograficidade, v.7, nº1, 2017.

CAMINHA, G. S. **Graffiti na cultura hip-hop: relações entre linguagem, identidade e espaço urbano na perspectiva transperiférica e indisciplinar da Linguística Aplicada**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 23, n. 3, 2023.

CARLOS, A. F. A. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade.** GEOUSP - Espaço e Tempo. São Paulo, v.18, n.2, p.472-486, 2014.

CARLOS, A. F. A. **Da “organização” à “produção do espaço no movimento do pensamento geográfico**. In: CARLOS, A. F. A., SOUSA, M. L., SPOSITO, M. E. B. (org). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo, Contexto, 2018. p. 53-73.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. Ed. São Paulo: Ática. 1989.

CORRÊA, R. L. **Cidades médias e rede urbana**. In: SPOSITO, M. E. B; SILVA, W. R. S.; Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

CORRÊA, R. L. **Formas simbólicas do espaço**. In: CORRÊA, R. L. Caminhos paralelos e entrecruzados. São Paulo, Ed. Unesp, 2018. p. 221-286.

COSTA, T. M. M. **Cafeicultura e transformações socioespaciais no município de Alfenas-MG pós-inundação pelo lago de Furnas.** Universidade Federal de Alfenas, Dissertação (Mestrado - Geografia). Alfenas-MG, 2023.

CONTEL, F. B. **As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990).** Terra Brasilis (Nova Série), 3, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias: 2017**. Coordenação de Geografia - Rio de Janeiro, 2017.

JOAQUIM, F. R. **Plano de metas e as consequências na industrialização brasileira.** (Monografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LASSALA, G. **Pichação não é pixação: Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas.** Altamira, São Paulo, 2º ed., 2017.

LEFEBVRE, H. **Marxismo: uma breve introdução**. Porto Alegre-RS, L&PM POCKET, 2024.

MEINIG, D. **O olho que observa: dez versões da mesma cena.** Rio de Janeiro – RJ, Espaço e Cultura, UERJ. nº1, p. 35-36, 2013.

MARTINS, M. L. **A trajetória de Alfenas no período 1830-1930.** In: SAES, M. A. MARTINS, M. L. GAMBI, T. F. R. (orgs.) Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX. Alameda, p. 345-386, 2016.

MITTMANN, D. **O sujeito-pixador: tensões acerca da prática da pichação paulistana**.2012, 125 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

NASCIMENTO, G. F. **Escrita e resistência: as pichações no Brasil ditatorial.** História Oral, v.22, n.1, p. 436-439, jan/jun. 2019.

PAPALI, F. ZANETTI, V. VIANNA, P. V. C. **Um pouco da história do graffiti e da pichação no Brasil**. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017

PAULA, I. R. **Alfenas e a formação do bairro Pinheirinho: segregação socioespacial, especulação imobiliária e direito à cidade**. In: BRANQUINHO, E. S. (org) A produção do espaço segregado em Alfenas-MG. Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 65-107, 2021.

PIRES, A. O. S. **A pixação como apropriação da cidade: o pixador como formador do cenário urbano.** 2017, 174 f. Dissertação (Mestrado – História), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG, 2017.

PIRES, A. O. S. **O pixo como ação política.** In: MAIA, A. C. N. História oral e direito à cidade: Paisagens urbanas, narrativa e memória. São Paulo, SP, Letra e voz, 2019. p. 159-179.
Prefeitura Municipal de Alfenas. **Leitura técnica do Plano Diretor Participativo de Alfenas.** Alfenas, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção.** 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SOARES, T. N. **Campanhas políticas e repressão policial: as pichações na cidade do Recife (1979-1985).** 2012, 212 f. Dissertação (Mestrado – História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SOARES, T. N.; GOMES, V. S.; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. **Escritas da cidade: as pichações no combate à ditadura civil-militar.** XIII Encontro Estadual de História da ANPUH, Seção Paraíba. Guarabira, Pernambuco, 2008. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/37832>.

TABORDA, J. C. BERNARDES, A. G. **A produção da cidade higiênica: cartografias da prática da pichação para pensar a experiência urbana e a gestão dos fluxos**. Ecopolítica, jan-abr, p. 37-58, 2018.